

UMA IGREJA COM NOVO ALENTO?

Octávio Carmo

A IGREJA EM TEMPOS TUMULTUOSOS

Lívia Franco

IGREJA: UM ESPAÇO PARA TODOS, TODOS, TODOS!

Teresa Martinho Toldy

DA CONFLITUALIDADE À COMUNHÃO NA IGREJA

Frei Gonçalo Pereira Diniz, op

ASSUMIR E ULTRAPASSAR O MEDO

NA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

Teresa Messias

IGREJA: HINO À ALEGRIA

Fr. José Nunes, op

COMO PODE S. DOMINGOS INSPIRAR A VIDA

DA NOSSA COMUNIDADE PAROQUIAL?

Frei Bento Domingues

RECENSÕES

FILOSOFIA DA VIVÊNCIA HOLÍSTICA

Gonçalo Pereira Diniz

FORA DO DIÁLOGO NÃO HÁ SALVAÇÃO

Ir. Maria Julieta, rscm

BREVE HISTÓRIA DOS FRADES DA ORDEM

DE SÃO DOMINGOS EM PORTUGAL

Fr. Rui Manuel Grácio das Neves



Instituto São Tomás de Aquino

CADERNOS

CADERNOS

N.º 38 - 2024 - Ano XXIX

CADERNOS



Instituto São Tomás de Aquino

UMA IGREJA EM
TRANSFORMAÇÃO

N.º 38 - 2024 - Ano XXIX

CADERNOS


UMA IGREJA EM TRANSFORMAÇÃO

EDITORIAL	3
UMA IGREJA COM NOVO ALENTO?	5
A IGREJA EM TEMPOS TUMULTUOSOS	13
IGREJA: UM ESPAÇO PARA TODOS, TODOS, TODOS!	19
DA CONFLITUALIDADE À COMUNHÃO NA IGREJA	31
ASSUMIR E ULTRAPASSAR O MEDO NA EXPERIÊNCIA CRISTÃ	45
IGREJA: HINO À ALEGRIA	69
COMO PODE S. DOMINGOS INSPIRAR A VIDA DA NOSSA COMUNIDADE PAROQUIAL?	77

RECENSÕES

FILOSOFIA DA VIVÊNCIA HOLÍSTICA	83
FORA DO DIÁLOGO NÃO HÁ SALVAÇÃO	89
BREVE HISTÓRIA DOS FRADES DA ORDEM DE SÃO DOMINGOS EM PORTUGAL	91

CADERNOS ISTA

Publicação:  - Instituto São Tomás de Aquino
Ordem dos Pregadores - Portugal

Impressão: Indugráfica, Lda. - Fátima

Depósito legal: 101412/96

ISSN: 0873-4585

Direcção: *fr. Gonçalo Diniz, op*

Pedidos para:

CADERNOS 

Convento de S. Domingos

Rua João de Freitas Branco, n.º 12

1500-359 Lisboa PORTUGAL

E-mail: istaop@gmail.com

Telefone: 217 228 370

www.ista.pt

EDITORIAL

Dando seguimento à comemoração dos 10 anos de pontificado do Papa Francisco, assinaladas por um conjunto de conferências realizadas no convento de São Domingos de Lisboa, em 2023 – e que foram publicadas na nossa última edição ('Cadernos ISTA', n.º 37) – e tendo em conta as Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ), ocorridas no mesmo ano, em Lisboa, neste novo número publicamos um conjunto de textos alusivos às mudanças que o mundo espera a partir dos discursos do Papa Francisco na JMJ 2023.

Os textos em apreço constituem o resultado frutuoso de mais um ciclo de conferências organizado pelo ISTA, sob o título geral, *“Uma Igreja em Transformação”*, que decorreu entre os meses de Março e Abril do corrente ano, no referido convento.

Além destes textos, publica-se também, neste número, um artigo do frei Bento Domingues, op, sobre a especial relação de trabalho e colaboração apostólica entre as ordens religiosas e as paróquias diocesanas que lhes cabem servir nalguns contextos, concretamente o caso dos dominicanos em Portugal: *“Como pode São Domingos inspirar a vida da nossa comunidade paroquial?”*.

Por fim, apresentam-se recensões de três livros publicados ao longo deste ano por irmãos da Província Portuguesa da Ordem de São Domingos: *“Filosofia da Vivência Holística”*, de frei Rui Grácio, op; *“Fora do Diálogo não há Salvação”*, de frei Bento Domingues, op; e, *“Breve História dos Frades da Ordem de São Domingos em Portugal”*, de frei Gonçalo Diniz, op.

Fazemos votos que este novo número dos 'Cadernos ISTA', inspirado nos discursos do Papa Francisco na JMJ 2023, promovam o espírito evangélico de conversão e de paz, valores tão prementes num ano marcado por tantas violências e crueldades, assim se abrindo passo a um novo ano de esperança e renovação cristã,

conforme à bula de proclamação do jubileu ordinário do ano 2025, sob o signo da “Esperança que não engana” (Rm 5,5).

*Frei Gonçalo Pereira Diniz, op
Presidente do ISTA*

UMA IGREJA COM NOVO ALENTO?

Octávio Carmo

Eis a pergunta inicial, como mote para esta conferência: onde e como escutar, como cristãos e consagrados, o novo chamamento de Cristo nos nossos meios urbanos marcados pelo desalento face aos pecados e escândalos da Igreja, pela indiferença face à prática religiosa, à adesão a Deus ou Jesus, pelo afastamento da prática da fé comunitária? De que modo lançar as redes ao mar convulso das sociedades atuais e das comunidades eclesiais?

Em Lisboa, o Papa assumiu a crise provocada pelos “escândalos” na Igreja, mas também chamou a atenção para a perda de “entusiasmo” e de “confiança no futuro”, na sociedade, marcada pela precariedade económica, a pobreza de amizade social, a falta de esperança...

Francisco tem sido, há mais de uma década, um líder em busca de respostas radicais para problemas sociais e da Igreja. Aos jovens cabe dar vida a esta proposta de “portas abertas”, à Igreja como “hospital de campanha”, principalmente preocupada com as periferias sociais, económicas e existenciais. Num mundo em guerra, a braços com crises humanas e ambientais de proporções gigantescas, novas receitas serão necessárias. Com um ingrediente central, de que o Papa não se cansa de falar: a “revolução da ternura”, contra a cultura do descarte, do usa (agora) e deita fora.

Deixemos Jesus subir novamente para o barco, com o entusiasmo da primeira vez, aquele entusiasmo que deve ser revivido, reconquistado, reeditado. Ele vem procurar-nos nas nossas solidões, nas nossas crises, para nos ajudar a recomeçar. A espiritualidade do recomeço. Não tenhais medo. A vida é assim: cair e recomeçar, aborrecer-se e recobrar a alegria. Aceitar

esta mão que nos dá Jesus (Discurso no Mosteiro dos Jerónimos, 02.08.2023).

Medimo-nos e questionamos por aquilo que produzimos, por aquilo que consumimos. Num mundo em crise de pertença, esta nova comunidade deve assumir-se também como espaço de contemplação, de oração, de sentido para além do material, do funcionalismo, desta máquina contemporânea de triturar seres humanos e recursos naturais.

Temos de valorizar o testemunho da ferida, da pergunta, do que corta o interior de cada um, como ponte para o diálogo, para o encontro, para o serviço.

UMA IGREJA “PONTO IMÓVEL”? QUAL O VALOR TEOLÓGICO DO MOVIMENTO?

Peregrinar é caminhar para uma meta ou à procura duma meta. Há sempre o perigo de mover-se num labirinto, onde não há meta, nem saída. Desconfiemos das fórmulas pré-fabricadas (são labirínticas), desconfiemos das respostas que nos parecem ao alcance da mão, das respostas extraídas da manga como se fossem cartas de jogo viciadas; desconfiemos das propostas que parecem dar tudo, sem pedir nada. Desconfiemos (Discurso na UCP, Lisboa, 03.08.2024).

Para muitos, esta Igreja em saída, rumo a periferias existenciais e geográficas, assume um risco excessivo, mormente ao assumir uma perda de relevância junto dos “centros” de poder. Uma possível “relativização” da doutrina, vista com imutável, perante mudanças culturais que obrigam a novas identidades, é apontada como um perigo à preservação da instituição.

Na sua primeira intervenção em solo português, na viagem que o trouxe até à JMJ 2023, Francisco apontou três campos essenciais para a relação Igreja-sociedade, inspirada nas novas gerações: o ambiente, o futuro e a fraternidade.

Em muitos lugares, se respira hoje um clima de protesto e insatisfação, terreno fértil para populismos e conspirações, a Jornada Mundial da Juventude é ocasião para construir juntos. Reaviva o desejo de criar coisas novas, fazer-se ao largo e navegar

juntos rumo ao futuro. Vêm à mente algumas palavras ousadas de Fernando Pessoa: «Navegar é preciso; viver não é preciso (...); o que é necessário é criar» (Discurso do Papa Francisco no CCB, 02.08.2023).

No contexto geral duma globalização que nos aproxima, mas não nos dá uma proximidade fraterna, somos todos chamados a cultivar o sentido da comunidade, começando por ir ter com quem vive ao nosso lado. Com efeito, como observou Saramago, «o que dá verdadeiro sentido ao encontro é a busca; e é preciso andar muito, para se alcançar o que está perto» (Todos os nomes, 1997). Como é bom voltar a descobrir-nos irmãos e irmãs, trabalhar pelo bem comum, deixando para trás contrastes e diferenças de perspetiva! (Discurso do Papa Francisco no CCB, 02.08.2023).

O ESPANTO MEDIÁTICO E O DESCONFORTO ECLESIAÍSTICO

Não transformem a Igreja numa alfândega: ‘aqui entram os justos, os que estão bem, os que estão bem casados, e os outros todos fora’. Não, a Igreja não é isso: justos e pecadores, bons e maus, **todos, todos, todos** (Discurso do Papa no Mosteiro dos Jerónimos, 02.08.2023).

Francisco convidou todos a “sonhar a Igreja Portuguesa como um ‘porto seguro’, para quem enfrenta as travessias, os naufrágios e as tempestades da vida”. A insistência na abertura a “todos, todos, todos” gerou um espanto mediático e um desconforto eclesial, que desde logo procurou acrescentar vários “mas” às frases do Papa.

UMA ESCUTA VALORATIVA

Podemos olhar para esta situação como uma ocasião para, com fraterno entusiasmo e sã criatividade pastoral, envolver os leigos (Discurso do Papa no Mosteiro dos Jerónimos, 02.08.2023).

Em Lisboa, o Papa defendeu uma Igreja “sinodal”, com trabalho em comum. A caminho da segunda sessão da Assembleia Sinodal, muitas são as questões que se colocam num momento que parece ser de “pausa”. É tempo de se interrogar sobre o lugar de uma

“escuta valorativa”, neste processo, que seja uma marca distintiva da Igreja sinodal e não a limite a uma (também necessária) escuta funcional.

Uma escuta que não seja determinada em função de um acontecimento, da necessidade de tomar decisão, de determinar uma mudança. A escuta na Igreja é uma forma de viver em comunidade, na qual todos se encontram, em que todos partilham desafios, objetivos, expectativas, sonhos, preocupações.

Há passos que podem começar já a ser dados. Assim a comunidade entenda que é possível. Parece evidente que a forma de entender a Igreja será diferente depois deste Sínodo: uma forma de atuar, de se relacionar, de conceber as comunidades, de forma mais horizontal, mais partilhada nas suas funcionalidades, em todos os âmbitos. Só assim todos podem sentir, efetivamente, que se têm de empenhar, não delegar funções, para uma maior participação e responsabilidade.

Apesar de falar num momento histórico, até de “revolução”, seria ingênuo pensar que as consequências deste novo modo de entender a comunidade teriam consequências imediatas. Implica muitas décadas de estudo, de vivência, de transformação, de assimilação, até porque as mudanças não se fazem por decreto.

A este respeito, cito uma passagem do relatório final que me parece inspiradora: “A prática sinodal faz parte da resposta profética da Igreja a um individualismo que se verga sobre si mesmo, a um populismo que divide e a uma globalização que homogeneiza e aplanar. Não resolve estes problemas, mas fornece um modo alternativo de ser e de agir”. Um objetivo fundamental, no momento que vivemos, na Igreja e na sociedade.

Das muitas questões, parece-me particularmente importante debater o lugar do conflito. O conflito é uma categoria central no pensamento moderno. Segundo a nossa nova amiga, a inteligência artificial, “a noção de conflito está profundamente enraizada na compreensão da dinâmica social e das relações entre indivíduos e grupos na sociedade moderna”.

Não por acaso, num dos documentos fundadores do seu pontificado, a ‘*Evangelii gaudium*’, Francisco aborda especificamente

a questão do conflito e da unidade: “Perante o conflito, alguns limitam-se a olhá-lo e passam adiante como se nada fosse, lavam-se as mãos para poder continuar com a sua vida. Outros entram de tal maneira no conflito que ficam prisioneiros, perdem o horizonte, projetam nas instituições as suas próprias confusões e insatisfações e, assim, a unidade torna-se impossível. Mas há uma terceira forma, a mais adequada, de enfrentar o conflito: é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de um novo processo”.

UMA OPORTUNIDADE

Fazei-vos ao largo, para lançar novamente as redes ao mar, é preciso sair da margem das desilusões e do imobilismo, afastar-se daquela tristeza melosa e daquele cinismo irónico que muitas vezes nos assaltam à vista das dificuldades (Discurso do Papa no Mosteiro dos Jerónimos, 02.08.2023).

Há uma forma de entender a Igreja que será diferente depois do atual processo sinodal. Uma forma de atuar, de relacionar, de conceber as comunidades que implica uma revolução, o abandono de uma ideia piramidal, que ainda persiste, para uma comunidade mais horizontal, mais partilhada nas suas funcionalidades, em todos os âmbitos. Só assim as pessoas, efetivamente, podem sentir que se têm de empenhar também, não delegar funções, sem haver concentração de todas as decisões, de todos os processos em quem serve a comunidade na sua liderança.

QUE IGREJA? COMUNIDADE E CRISE DE PERTENÇA

Esta gente ainda não concluiu que hoje, o que a generalidade das pessoas quer e procura, são “serviços” religiosos. Missas, batizados, crismas, casamentos, funerais, pelos quais até paga o que lhes pedirem, mas não querem compromissos com comunidade (comentário nas redes sociais).

Num catolicismo sociológico e histórico, como o de Portugal, é fundamental questionar, para uma maior participação e responsabilidade de todos. Pelo fim de um catolicismo “part-time”.

A PROPOSTA DE JESUS A QUE LANCEMOS DE NOVO AS REDES DEVE SER TRADUZIDA EM QUE VIAS CONCRETAS?

No atual cenário, entendo que não podemos falar num projeto comum de reconstrução, mas sim num apelo alargado, por uma Igreja de “portas abertas”, como defende o Papa Francisco, uma Igreja que acolhe todos aqueles que, criativamente, estão a reler este momento em que o futuro chega às nossas vidas, que ainda é também presente e passado. E tudo o que podem ser, mesmo que nunca o tenham imaginado.

QUE PASTORAL URBANA?

A referência aos meios urbanos, em particular, merece um alerta. No relatório de síntese da primeira sessão da XVI Assembleia Geral do Sínodo, por exemplo, apenas por uma vez o tema é referido explicitamente, e para transpor uma solução de pequenas comunidades: “As comunidades de base ou pequenas comunidades cristãs favorecem as práticas de escuta dos batizados e entre os próprios batizados. Somos chamados a valorizar o seu potencial, examinando também como seria possível adaptá-las aos contextos urbanos”. Será preciso retomar o discurso que o Papa fez, a 27 de novembro de 2014 ,aos participantes que concluíram a segunda etapa do Congresso de Pastoral das Grandes Cidades? Estes são os seus principais desafios:

- Mudança na mentalidade pastoral;
- Diálogo com a multiculturalidade;
- Deus habita na cidade – é necessário ir à sua procura e deter-se lá;
- Os pobres urbanos;
- Sair e facilitar;
- Igreja samaritana, que está presente.

PROTAGONISMO, AUTONOMIA, CONCORRÊNCIA

O lugar do religioso, no processo da secularização que deslocou as referências fundamentais da humanidade para outras dimensões, tem de se conquistar, hoje, em concorrência com outras mediações

sedentas de ocupar um lugar de destaque no horizonte da vida humana.

Neste contexto, torna-se pertinente perceber qual o espaço da mensagem católica, um paradoxo na cidade utilitarista, e como se a entendemos em relação com o espaço público.

Num mundo em crise de pertença, esta nova comunidade deve assumir-se também como espaço de contemplação, de oração, de sentido para além do material, do funcionalismo, desta máquina contemporânea de triturar seres humanos e recursos naturais.

DESAFIOS PARA A VIDA CONSAGRADA/COMUNIDADES CATÓLICAS

- *Valorizar o papel da mulher;*
- *Formação de lideranças pensadas numa lógica de serviço, para a transformação das comunidades;*
- *Paróquia como comunidade de comunidades;*
- *Valorização dos processos, ao invés da procura apressada de um resultado;*
- *Formação de teólogos que questionem, aprofundem e ajudem a encontrar respostas novas;*
- *Visão positiva do conflito que, criativamente, leva ao encontro daquele que é diferente.*

“SHOMÈR MA MI-LLAILAH, SHOMÈR MA MI-LELL” (ISAÍAS 21,11)

Quanto resta ainda da noite, sentinela? Quanto da escuridão teremos ainda de suportar?

Pedindo perdão pela liberdade poética na tradução, pergunto: quantas pessoas poderiam, hoje, repetir este grito? Quando chegará, por fim, a luz às suas vidas? Quem vigia sobre as suas noites, com atenção comprometida? Quem dará voz ao seu silêncio?

Somos pessoas em busca da Palavra. Da que nos defina e explique, da que nos ofereça sentido, da que crie relações autênticas, da que questione e ajude a recomeçar, mesmo que nada fique no lugar.

A fé é caminhar no chão comum de toda a humanidade: a dúvida. Perscrutando sempre, do que não se vê ao infinitamente maior do que nós, até encontrar a Palavra definitiva do coração, em que só o amor permanecerá.

UMA GRAMÁTICA DO PERCURSO

Somos vítimas de muitos males, que não se resolvem com o excesso das palavras. Vale a pena reaprender que, como as aves, tudo o que é dito também tem o seu voo: precisa de tempo para pousar, é certo, mas outras vezes tem de partir imediatamente. Se não aprendermos esta gramática do percurso, temo que os nossos esforços estejam condenados ao fracasso. E que a madrugada mais escura não dê lugar a um dia novo, mas apenas a uma pausa entre noites.

A IGREJA EM TEMPOS TUMULTUOSOS

Lívia Franco

Desafiou-nos o ISTA a refletir sobre o nosso mundo complexo e tumultuoso a partir das intervenções feitas pelo Papa Francisco nas JMJ 2023. No contexto do ciclo de conferências “Uma Igreja em Transformação”, foi-nos proposto que abordássemos os temas atuais da geopolítica, das migrações, das alterações climáticas e das consequentes mutações sociais que o Santo Padre nos trouxe durante aqueles dias intensos. Importa começar por notar que essas temáticas, e os desafios que lhe estão associados, atravessam o conjunto de todas as intervenções feitas pelo Santo Padre, em Lisboa, estando constantemente presentes no seu olhar arguto e muito atento sobre a realidade hodierna.

Assim, face a este repto ambicioso, a que era impossível responder exaustivamente por escrito, optou-se por de seguida apresentar uma reflexão-síntese das abordagens às questões geopolíticas, ambientais e sociopolíticas feitas por Francisco nas duas intervenções em que mais diretamente falou dessas problemáticas: a primeira, o discurso realizado perante as autoridades políticas, a sociedade civil e o corpo diplomático, no Centro Cultural de Belém, logo no dia da sua chegada a Portugal (2 de Agosto); a segunda, o discurso feito durante o encontro com os jovens universitários, no campus de Lisboa da Universidade Católica Portuguesa, na manhã do dia seguinte (3 de Agosto).¹

1 Todas as intervenções feitas pelo Santo Padre durante essas jornadas encontram-se reunidas em Papa Francisco, *JMJ Lisboa 2023. Discursos e Homilias*, Paulinas Editora, Lisboa, Agosto 2023.

LISBOA E A EUROPA

Na primeira intervenção, à laia de ponto de partida para as reflexões que se seguiriam depois, o Papa revelou como ele via a cidade de Lisboa e Portugal, na história e no presente, mas também no contexto de um Ocidente problemático cada vez mais anestesiado.

Para Francisco, Lisboa é antes de mais uma “cidade do encontro”, que soube abraçar vários povos e culturas. Daí o seu caráter multiétnico e multicultural, que revela bem as raízes cosmopolitas de Portugal e o seu continuo desejo histórico de se abrir ao mundo, de explorar novos horizontes, em especial através dos oceanos.

Precisamente ao convocar os oceanos, vias de ligação entre povos e países, mas também entre terras e continentes, o Santo Padre quis destacar a importância de se conceberem as fronteiras não unicamente como limites, como linhas que separam, mas antes como zonas de contacto com o Outro. Afinal Portugal foi dos primeiros países a protagonizarem esse movimento multiseular de abertura ao resto do mundo, a que na sua versão contemporânea chamamos “Globalização”. Infelizmente, em seu entender, na atualidade, perante o impacto disruptivo de inúmeros desafios de alcance global – injustiças planetárias, guerras, crises climáticas e intensos movimentos migratórios – os povos e os seus dirigentes parecem cada vez mais desavindos e incapazes de enfrentarem em conjunto esses mesmos desafios. Na verdade, para Francisco, não se trata simplesmente de um problema de falta de capacidade, mas também, e sobretudo, de falta de vontade política e social de se encontrarem respostas coletivas para esses desafios comuns.

No entender do Papa, trata-se de um diagnóstico triste, em especial no que diz respeito ao continente europeu, herdeiro desde meados do século XX de um legado muito próprio de “construtor de pontes.”. Invocando o Tratado de Lisboa (2009), como reflexo paradigmático da construção europeia que conseguiu substituir a Lei de Tabela pela Lei da Reconciliação, o Sumo Pontífice relembra-nos como grandes europeus cristãos – Schuman, De Gasperi, Adenauer e outros – partindo da sua experiência histórica decidiram

“construir o amanhã juntamente com o inimigo de ontem”, através do diálogo, da inclusão e da “diplomacia de paz.”

Em seu entender, a Europa dos nossos dias parece ter perdido esse ímpeto e ânimo jovem, parece ter deixado de sonhar com novas possibilidades, focando-se agora apenas nas suas necessidades imediatas, na recusa em acolher os que vêm de fora, e, mais grave, deixando-se dominar por uma cultura de descarte da vida, de “solução doce que parece cômoda, mas é mais amarga que as águas do mar”.

ESTALEIROS DA ESPERANÇA

Segundo Francisco, depois de várias décadas de maior estabilidade, vivem-se hoje momentos tempestuosos no Oceano da História que, em particular, colocam à Europa contemporânea e ao mundo ocidental interrogações fundamentais: “Para onde navegas se não ofereces percursos de paz?”, “Que rota estás a seguir, Ocidente?”

Num olhar que converge para os dias que se vão seguir nas Jornadas Mundiais da Juventude, Francisco entrevê nos milhares de jovens que aceitaram o desafio de se encontrarem com ele em Lisboa o desejo de construir em conjunto coisas novas. Assim, para o Papa, pelo menos naqueles dias, Lisboa constitui também ponto de convergência de possibilidades, isto é, uma “cidade da esperança.”

É a esses jovens (e não só) que vai propor o desenvolvimento de três “estaleiros da esperança”, que se interligam e sustentam mutuamente. O primeiro estaleiro, relativo à defesa da criação, vem na continuidade da Encíclica *Laudato Si*, sobre o *Cuidado da Casa Comum* (Maio 2015), e convoca-nos a todos a deixar às gerações subsequentes um ambiente são para estas construírem o seu futuro. Precisamente porque não há futuro sem jovens, o segundo estaleiro apresentado por Francisco propõe prosseguir a Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit* (Março 2019) e, em especial, a necessidade de educar os jovens a saber discernir o que é e para que serve a boa política. Como bem afirma Francisco, ela não serve para conservar o poder, mas precisamente para gerar

esperança. E neste domínio, destaca dois recursos que devem ser continuamente expandidos: o diálogo intergerações e a educação humana (por contraposição à exclusivamente técnica), já que ambos são geradores de comunicação e de vida. Quanto ao terceiro estaleiro, o da fraternidade, o Santo Padre segue as propostas que apresentara na Encíclica *Fratelli Tutti* (Out. 2020) relativas à preocupação com o outro, ao cultivo do sentido de comunidade e da amizade social, com vista a derrubar as divisões erguidas em nome de opiniões e crenças divergentes e supostamente incompatíveis. A propósito, numa nota otimista, o pontífice refere ainda que em Portugal, quando comparado com tantos outros países do velho continente, ainda é possível sentir vivo o sentido de vizinhança e solidariedade.

PEREGRINOS DE PROCURAR E ARRISCAR

Na manhã do dia seguinte, no *campus* da Universidade Católica, na Palma de Cima, ao falar aos estudantes universitários e ao corpo docente ali reunidos em festa, Francisco regressará, uma e outra vez, a estas inquietações e propostas. Mas desta feita, a primeira imagem que convoca – inspirado provavelmente na experiência da *Missão País*, que tanto impacto tem tido nos meios universitários portugueses – é a do Peregrino. Tal como os peregrinos que enfrentam os imprevistos da jornada, somos constantemente convidados a superarmo-nos frente à exigência e complexidade da vida e às grandes interrogações que ela nos lança. Portanto, a primeira recomendação que o Santo Padre tem a oferecer aos muitos estudantes e professores que ali acorreram é a de que na sua condição de caminhantes desconfiem sempre das respostas pré-fabricadas, das propostas que parecem dar tudo sem pedir nada, das soluções que anestesiam, porque eliminam as perguntas mais essenciais. Só estas últimas são condição do futuro. Inversamente, o Santo Padre exorta todos, nas suas respetivas jornadas, a procurar as boas respostas sempre com inquietação e “desejosos de sentido e de futuro”. Em seu entender dois verbos são fundamentais neste caminho: procurar e arriscar. E por isso nos convoca: “Não sejais administradores de medos, mas empreendedores de sonhos!”

NÃO O FIM, MAS O INÍCIO

A antes de mais o Papa exorta-nos que devemos partir a olhar de frente para as interrogações que importam: “Que quereis ver realizado em Portugal e no Mundo? Que mudança, que transformação, desejais?” Invocando de novo a imagem do oceano tumultuoso, insiste em que, como tantas vezes o fez ao longo do seu pontificado, vivemos uma “Terceira Guerra Mundial feita aos pedaços”. E, contudo, em seu entender esta não deve significar o fim, mas o início de uma nova oportunidade. Por isso mesmo, nos desafia “a ser protagonistas de uma nova coreografia capaz de colocar no centro a vida humana.”

Às universidades, sedes de saber, e em particular, à Universidade Católica, cabe o desafio e a responsabilidade de formar os seus estudantes precisamente para serem artesãos de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ou seja, como o Pontífice afirmara já no Pacto Educativo Global (Set. 2019), é urgente “reavivar o compromisso para e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de ouvir com paciência, de diálogo construtivo e de compreensão mútua”.

Mas Francisco também incentiva as universidades a trabalharem nos três estaleiros da esperança que havia invocado no dia anterior. Primeiro, reconhecendo a urgência dramática da Casa Comum, e redefinindo antes de mais o que é o progresso e a evolução. Segundo, oferecendo uma educação aos mais jovens entendida enquanto “encarnação de Cristo na realidade” e não como ideologia. Terceiro, promovendo uma Cultura do Encontro, capaz de suscitar acolhimento e inclusão, pois “sempre que alguém pratica um gesto de hospitalidade, desencadeia uma transformação.” De facto, tudo se relaciona: só uma economia integral capaz de escutar o sofrimento do planeta juntamente com o dos pobres, de colocar o drama da desertificação em paralelo com o dos refugiados ou de olhar para as migrações à luz da preocupante queda da natalidade em grande parte do mundo, permite conciliar as dimensões material e espiritual desses desafios numa posição aberta à realidade. Como lembrou Francisco naquela ocasião, o Cristianismo tem de estar aberto ao mundo, “não pode ser como uma fortaleza cercada

de muros e que ergue baluartes contra o mundo”, acrescentando ainda “não basta que um cristão esteja convencido, é necessário que seja convincente!”

Com estas duas extraordinárias intervenções ficavam estabelecidas as preocupações e as propostas de soluções relativas à geopolítica mundial e aos desafios dela decorrentes, que Francisco trazia a Lisboa, naquela que seria a 15.^a Jornada Mundial da Juventude e que foi capaz de reunir em Lisboa cerca de 2 milhões de pessoas desejosas de poder agir no mundo de hoje.

IGREJA: UM ESPAÇO PARA TODOS, TODOS, TODOS!¹

*Teresa Martinho Toldy
Para o Frei Bento: o teólogo maior
e o coração onde cabe o mundo inteiro*

NOTA INTRODUTÓRIA

Este texto resulta de uma reflexão que me foi solicitada pelos irmãos Dominicanos e do debate em grupo que aconteceu no decorrer do encontro: é um texto a muitas mãos, que pretende, de uma forma singela, refletir uma dinâmica sinodal, na qual todos somos chamados a ter uma voz ativa.

O mote foi dado no convite que me foi endereçado, no qual se dizia: “Francisco desafia-nos a conceber o mistério da Igreja, a sua constituição simultaneamente hierárquica e sinodal, simultaneamente ancorada na Tradição da Revelação e aberta à escuta do Espírito Santo através do que acontece na história e na sociedade.” E citava-se a homilia do Papa na celebração de Vésperas com os Bispos, os Sacerdotes, os Diáconos, os Consagrados, as Consagradas, os Seminaristas e os Agentes da Pastoral, proferida no Mosteiro dos Jerónimos, no dia 2 de agosto de 2023: “Por favor, não transformem a Igreja numa alfândega: aqui entram os

1 Invoco aqui aqueles que estão entre nós (o Frei Bento, o Frei José Nunes, o Frei Mário Rui) e os que estão presentes de uma outra forma (o Frei Matias, o Frei Mateus, o Frei Mourão, o Frei Francolino) – todos contribuíram para a minha formação teológica, mas, sobretudo, todos foram e são sinais da presença misericordiosa de Deus junto de mim, junto da minha família, em momentos muito difíceis e em momentos de grandes alegrias. Posso dizer com toda a verdade que contribuíram diretamente para que o fio que me prende à família que é a Igreja nunca se quebrassem, apesar de exclusões institucionais, porque sempre me proporcionaram a experiência de uma Igreja que não fecha a porta a ninguém.

justos, os que estão em ordem, os que estão bem casados... todos os outros, lá fora. Não. A Igreja não é isto”.²

Retomemos, pois, este mote, ao qual vinha também associada a frase espantosa, luminosa e desafiadora proferida por Francisco na Cerimónia de acolhimento dos jovens na Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, no dia 3 de agosto de 2023:

“Somos todos pecadores, mas somos chamados assim como somos. Pensemos um pouco nisto, em nosso coração: somos chamados como somos, com os problemas que temos, com as limitações que temos, com a nossa alegria transbordante, com a nossa vontade de sermos melhores, com a nossa vontade de vencer. Somos chamados como somos. Pensai nisto: Jesus chama-me como eu sou, não como eu gostaria de ser. Somos comunidade de irmãos e irmãs de Jesus, filhos e filhas do Pai. Amigos, quero ser claro convosco, que sois alérgicos à falsidade e às palavras vazias: na Igreja há espaço para todos. Para todos. Na Igreja, ninguém é de sobra. Nenhum está a mais. Há espaço para todos. Assim como somos. Todos. Jesus di-lo claramente, quando manda os Apóstolos chamar para o banquete daquele senhor que o preparara, diz: ‘Ide e trazei todos’, jovens e idosos, sãos, doentes, justos e pecadores. Todos, todos, todos! Na Igreja, há lugar para todos. ‘Padre, mas para mim que sou um desgraçado, que sou uma desgraçada, também há lugar?’ Há espaço para todos! Todos juntos... Peço a cada um que, na própria língua, repita comigo: ‘Todos, todos, todos’. Não se ouve; outra vez! ‘Todos, todos, todos.’ E esta é a Igreja, a Mãe de todos. Há lugar para todos. O Senhor não aponta o dedo, mas abre os braços.”³

2 In: Viagem Apostólica do Papa Francisco a Portugal por ocasião da XXXVII Jornada Mundial da Juventude [2-6 de agosto de 2023]. Vésperas com os Bispos, os Sacerdotes, os Diáconos, os Consagrados, as Consagradas, os Seminaristas e os Agentes da Pastoral, proferida no Mosteiro dos Jerónimos, no dia 2 de agosto de 2023. In: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2023/documents/20230802-portogallo-omelia.html>

3 Viagem Apostólica do Papa Francisco a Portugal por ocasião da XXXVII Jornada Mundial da Juventude [2-6 de agosto de 2023]. Cerimónia de Acolhimento. Discurso do Santo Padre. Parque Eduardo VII, Lisboa. Quinta-feira, 3 de agosto

Recordemos estas palavras e o som tonitruante das palmas à medida que o Papa ia fazendo o seu apelo a uma Igreja para todos⁴. Sentimo-nos interpelados por estas palavras? E sentimo-nos interpelados pelo entusiasmo crescente que as mesmas suscitaram? Quantos teremos pensado: “eu também?” Quantos teremos rejubilado?

Este pequeno texto procurará associar a ideia-força de que “todos, todos, todos” temos lugar na Igreja com alguns tópicos do caminho sinodal reveladores dessa mesma vontade e visão profética de uma Igreja inclusiva, de braços abertos, mais próxima da vontade de Jesus Cristo.

1. UM PENTECOSTES CONTÍNUO NA IGREJA?

O discurso do Papa, no contexto de um grande encontro (neste caso, de jovens) assume os contornos de um Pentecostes: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava” (Act 2,4). Aqui tratou-se de ouvir nas diversas línguas que todos são acolhidos na Igreja. Todos.

Esta afirmação da inclusão de todos é passível de ser interpretada como uma síntese do pensamento de Francisco desde o início do seu pontificado, síntese essa, impossível de fazer neste breve texto, tal a riqueza disruptiva deste papado. Contudo, mesmo sendo impossível fazer aqui essa síntese, certamente todos temos na memória as suas palavras, logo na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*⁵ – o seu “programa para a Igreja”, no qual escreve preferir uma Igreja que se suja a uma Igreja distante, sem ligação com o mundo.

de 2023. In: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230803-portogallo-cerimonia-accoglienza.html>

4 Imagens e som da Rádio Renascença: https://www.youtube.com/watch?v=h2jEi1Eg_Fw

5 Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Santo Padre Francisco ao Episcopado, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Actual in: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa_francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

Citada a partir daqui, no texto, como EG.

Sonha com uma Igreja que seja um hospital de campanha que acolhe todos os feridos pela vida, incluindo aqueles que a Igreja faz sofrer, quando se coloca na tal posição de “alfândega”, já mencionada no início deste texto. É um Papa incómodo: há lugar para todos na Igreja? Então, iremos abrir as portas a todas e a todos? E aqueles que sempre foram “certinhos”, “cumpridores”, os “irmãos mais velhos” da parábola do filho pródigo vão assistir à abertura das portas aos “filhos pródigos” e vão ser capazes de participar na festa do regresso aos braços do Pai? Entrarão na Igreja todas e todos aqueles que a Igreja considerou durante séculos como estando à margem, se não mesmo fora? Deverá a Igreja aceitar que cada um diga na sua própria língua, na sua própria linguagem, que todos temos lugar?

2. O PROCESSO SINODAL

Francisco plasma o sonho de uma Igreja inclusiva no desafio concreto para um Pentecostes contínuo: a dinâmica sinodal. Como sabemos, trata-se de um processo difícil. As Igrejas locais possuem dinâmicas muito diversas, estruturas centenárias difíceis de mover, “receios de perda de poder”, nomeadamente, clericalismo, algo também centenário... E muitos cristãos parecem ter-se habituado a prescindir de pensar, para se tornarem “consumistas do religioso”. Muitos outros terão “medo de se perder” por caminhos nos quais, o pastor, como diz também o Papa, “às vezes pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfacto para encontrar novas estradas” (EG 31). Mas o Papa mostrou, desde o início do seu pontificado, que a facilidade, a instalação comodista na repetição de procedimentos, gestos e discursos não é compatível com “a Igreja de saída”, que constitui o seu sonho⁶, o principal desafio para uma Igreja que não se quer auto-centrada. Além disso, o sínodo

6 O Papa dedica um capítulo inteiro da *Evangelii Gaudium* a esta temática.

é um processo. Não estamos perante documentos elaborados de uma forma mais ou menos participada, que, no fim, resultem num bom texto, mas um texto que será arrumado numa prateleira... O Sínodo não é “mais uma coisa para fazer”. Também não é um slogan, como bem diz o Papa. Significa “caminhar juntos”⁷. É “uma dinâmica para viver” – uma espécie de um concílio contínuo.

Que apoios teremos, então, para este caminho? Como sabemos, este sínodo está a concretizar-se em várias rondas, esperando-se que todos contribuam para pensar esta Igreja de saída. Valerá a pena recordar uma imagem que fala por si: a disposição da sala nas sessões do sínodo, em Roma: mesas redondas, estando o Papa sentado numa delas⁸. E também valerá a pena perguntarmo-nos se esta dinâmica existe entre nós, na Igreja que está em Portugal.

Julgo ser relevante lermos, então, as sínteses que vão surgindo, nomeadamente, o Relatório de Síntese da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, do mês de outubro de 2023⁹, assim como é relevante dispormo-nos a fazer este tal caminho, questionando-nos, verdadeiramente, todos sobre os sonhos que temos para a Igreja que tanto amamos, por vezes, de uma forma sofrida: refletir sobre a Igreja não constituirá nem um mero elogio do que ela é, nem um discurso de ressentimento sobre o que ela não é. Trata-se de sonhar como quem não desiste dela, mesmo quando ela parece desistir de nós. Afinal, como diz o Papa, Deus nunca desiste de nós: esse é o rumo. Esse é o alento fundamental. Anotaremos aqui apenas algumas pistas para reflexão, tendo em

7 Papa Francisco, Sinodalidade não é um slogan, significa essencialmente “caminhar juntos”. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/papa-francisco-encontro-diocese-roma-sinodalidade.html>

8 Cf. <https://www.a12.com/redacaoa12/igreja/os-primeiros-frutos-do-sinodo-da-sinodalidade>

9 XVI Assembleia Geral Ordinária dos Sínodos dos Bispos. Primeira Sessão. 4 a 20 de outubro de 2023. Cidade do Vaticano, Uma Igreja sinodal em missão. Relatório de Síntese. In: https://www.synod.va/content/dam/synod/assembly/synthesis/portuguese/2023.10.28-POR-Synthesis-Report_IMP.pdf

O presente texto foi construído para uma intervenção que decorreu no mês de março. Dado que o sínodo é um processo, continuou a surgir documentação e continuar-se-á a apelar aos contributos de todos.

O Relatório será referido a partir daqui através da sigla RS.

conta que o documento é denso, profundo, desafiante e merece uma leitura e uma análise aturadas, que não cabem neste breve texto. A densidade do documento – esclareça-se – não está na linguagem. Esta é acessível, não hermética. Mas inclui tantas questões, reveladoras de práticas, reflexões, perspectivas nas quais se reflete o mundo inteiro – uma diversidade que resulta de uma escuta que se quer ativa e impulsionadora da participação de todos os cristãos – que necessita de uma leitura total impossível de reproduzir no presente texto.

2.1. UMA DINÂMICA DE ESCUTA

A estrutura do Relatório aponta para esta dinâmica de escuta, de reconhecimento de perspectivas diferentes, mas – e aqui está a “bússola” que nos é proposta claramente! – de convergências no que é fundamental:

“As *convergências* identificam os pontos firmes que a reflexão pode ter em conta: são como um mapa que permite que nos orientemos no caminho e não percamos a estrada. As *questões a aprofundar* recolhem os pontos sobre os quais reconhecemos que é necessário continuar um caminho de aprofundamento teológico, pastoral, canônico: são como cruzamentos onde é preciso parar, para compreender melhor qual a direção a seguir. Já as *propostas* indicam possíveis pistas a percorrer: algumas são sugeridas, outras recomendadas, outras, ainda, exigidas com maior força e determinação.” (RS, Introdução)

O exercício da escuta dentro da Igreja não é fácil, como sabemos. Por vários motivos, sendo alguns deles resultantes de uma compreensão de unidade que se pode confundir com “mesmidade”, ou com uma dinâmica de obediência às vozes que se colocam apenas numa posição de falar e nunca, ou quase nunca, de ouvir. Esta realidade pode ser proveniente de um clericalismo difícil de ultrapassar ou de um medo de emitir opiniões diferentes – e também de um medo de ouvir opiniões diferentes. Sendo que vivemos num mundo em que a dificuldade de escutar formas diferentes de pensar está a desembocar cada vez mais em conflitos gravíssimos,

este exercício, apelidado pelo sínodo de “conversação no Espírito”, torna-se particularmente urgente. Segundo o padre jesuíta Óscar Martín, esta “conversação” consiste em escutar num “tom humilde, profundo e também muito cuidadoso”. A particularidade deste modo de conversar consiste em “estar aberto à presença do Espírito”.¹⁰

No dizer do documento da Assembleia Geral que aqui analisamos brevemente, a prática da escuta ativa e da conversação, nas sessões do sínodo, “suscitou alegria, admiração e gratidão e foi vivida como um percurso de renovação que transforma os indivíduos, os grupos, a Igreja. A palavra ‘conversação’ exprime algo mais que o simples diálogo: entrelaça harmoniosamente pensamento e sentimento e gera um mundo de vida partilhado. Por esta razão, podemos dizer que na conversação está em jogo a conversão. A escuta requer um acolhimento incondicional.” (RS, 2, d) Estaremos dispostos a fazer este percurso tão difícil, mas tão necessário não só dentro da Igreja, mas também no quotidiano de um mundo que parece insistir na construção de novas (e velhas) torres de Babel?

O documento sinodal menciona a relevância de uma comunicação que privilegia a liberdade de expressão. Note-se que o termo “liberdade de expressão” não é comum nos documentos da Igreja. Aliás, podemos até perguntar-nos se é comum nas comunidades cristãs. Ora a liberdade de expressão é mencionada no documento como fazendo parte integrante da “conversação no Espírito” já mencionada. O Relatório do Sínodo diz o seguinte, no seu nº 15, a) (relativo às convergências no que diz respeito ao “discernimento eclesial e a questões abertas”):

“A experiência da conversação no Espírito foi enriquecedora para todos os que nela tomaram parte. De modo particular, apreciou-se um estilo de comunicação que privilegia a liberdade na expressão dos pontos de vista de cada um e a escuta recíproca. Isto evita que se passe demasiado rapidamente a um debate com base na reiteração dos argumentos próprios

10 Cf, CNBB, Conversação espiritual se destaca como “maneira particular” de uma igreja sinodal proceder nas reflexões. In: <https://www.cnbb.org.br/conversacao-espiritual-maneira-particular-igreja-sinodal-proceder/>

de cada um, que não deixa espaço e tempo para nos darmos conta das razões do outro.”

2.2. RECONHECIMENTO DA EXISTÊNCIA DE PLURALIDADE DENTRO DA IGREJA

A escuta ativa pressupõe, pois, o reconhecimento da sinodalidade como um caminho de aceitação da existência de vozes plurais dentro da Igreja. Logo no início do documento, na secção com o título “A sinodalidade: experiência e compreensão”, faz-se uma afirmação extremamente relevante e que se pretende que constitua um aspeto a aprofundar:

“De modo particular, é necessário fazer emergir as múltiplas expressões da vida sinodal nos contextos culturais em que as pessoas estão habituadas a caminhar juntas como comunidade. Nesta linha, pode-se dizer que a prática sinodal faz parte da resposta profética da Igreja a um individualismo que se verga sobre si mesmo, a um populismo que divide e a uma globalização que homogeneiza e aplanar. Não resolve estes problemas, mas fornece um modo alternativo de ser e de agir, cheio de esperança, que integra uma pluralidade de perspetivas que deve ser ulteriormente explorado e iluminado.” RS 1, l)

O reconhecimento de perspetivas diferentes dentro da Igreja tendeu a ser algo “silenciado” durante os pontificados anteriores. Ora, desde o início da Igreja, houve sempre perspetivas diferentes, mas convergentes no essencial. Recorde-se a “desavença” entre Pedro e Paulo e o 1.º Concílio da Igreja – o Concílio de Jerusalém – cujo objetivo era, precisamente, chegar a acordo no que é fundamental e dar liberdade para práticas diferentes no que diz respeito ao que não é fundamental. Esta “desavença”, que passava pela necessidade (segundo Pedro), ou não (segundo Paulo) de ser judeu para ser cristão é relatada de forma pormenorizada pelo próprio Paulo, na Carta aos Gálatas.

O caminho para chegar à afirmação do essencial passou pela transparência, isto é, pelo esclarecimento olhos nos olhos daquilo que constituía a dificuldade entre ambos. Diz Paulo, numa linguagem

que terá de se admitir ser dura: “Mas quando Cefas [Pedro] veio a Antioquia, eu enfrentei-o abertamente, porque ele se tinha tornado digno de censura. Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas, quando chegaram, ele subtraía-se e andava retraído, com medo dos circuncisos. Os outros judeus começaram também a fingir junto com ele, a tal ponto que até Barnabê se deixou levar pela sua hipocrisia” (Gal 2,11-13). Reunidos em Jerusalém, os discípulos e apóstolos de Jesus chegaram à conclusão de que Pedro pregaria aos judeus e Paulo aos gentios. Manteve-se, pois o essencial: ambos pregavam o Jesus crucificado e ressuscitado (Act 15)¹¹, pois “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus. E se vós sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa” (Gal 3,28-29).

2.4. OS POBRES: PROTAGONISTAS DO CAMINHO DA IGREJA

O relatório sinodal, na linha daquilo que o Papa Francisco não se cansa de dizer desde o início do seu pontificado, coloca os pobres no centro da Igreja. Na *Evangelii Gaudium* (198) diz-se: “Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica do que cultural, sociológica, política ou filosófica”. E o texto continua: “por isso, quero uma Igreja pobre para os pobres”. Mais: acrescenta-se que “é necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles” (idem). Esta linha de pensamento prossegue na Carta encíclica *Fratelli Tutti*, escrita em 2020:

“Solidariedade é uma palavra que nem sempre agrada; diria que algumas vezes a transformamos num palavão, que não se pode dizer; mas é uma palavra que expressa muito mais do que alguns gestos de generosidade esporádicos. É pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. É também lutar

11 O site do Vaticano inclui uma explicação desta controvérsia nas informações relativas à Basílica de S. Paulo extra muris: https://www.vatican.va/various/basiliche/san_paulo/en/san_paulo/concilio.htm

contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais. É fazer face aos efeitos destrutivos do império do dinheiro [...]. A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história (...).”¹²

A experiência do encontro, da partilha de vida e do serviço aos pobres e aos marginalizados deve ser parte integrante de todos os percursos formativos oferecidos pelas comunidades cristãs: trata-se de uma exigência da fé, não de uma opção para alguns. Diz o relatório sinodal:

“Nalgumas partes do mundo, a Igreja é pobre, com os pobres e para os pobres. Existe o risco constante, que deve ser evitado com cuidado, de considerar os pobres em termos de ‘eles’ e ‘nós’, como ‘objetos’ da caridade da Igreja. Colocar os pobres no centro e aprender com eles é algo que a Igreja deve fazer cada vez mais.” (RS 4, i)

Certamente, lembrar-nos-emos da visita do Papa Francisco ao Centro Paroquial da Serafina, em Lisboa, por ocasião da JMJ. Visivelmente cansado, o Papa pediu para entregar o discurso que tinha preparado, para que pudesse ser lido depois. E disse apenas algumas palavras. Olhando para quem ali se encontrava, incluindo alguns políticos e outras figuras públicas, bem como eclesiásticos, disse:

“Cada um de nós pode perguntar-se: o amor que sinto por todos aqueles que estão aqui, o amor que sinto pelos outros, é concreto ou abstrato? Depois de estenderes a mão a uma pessoa necessitada, a um doente, a um marginalizado...fazes logo assim (*o Papa esfrega a mão na sua roupa*) para não te contagiar? Enoja-me a pobreza, a pobreza dos outros? Procuo sempre a vida ‘destilada’, a vida que existe na minha fantasia,

12 Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social, nr. 116. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html

não na realidade? Quantas vidas destiladas, inúteis que passam sem deixar uma marca, porque tais vidas não têm peso!”¹³

Incluiremos nós os pobres nos “todos, todos, todos” de que fala o Papa? Pensaremos na justiça ou pensaremos apenas na caridade? Teremos a coragem de denunciar as estruturas que causam pobreza?

Num mundo em que aumenta o número de migrantes e refugiados, e em que, por outro lado, diminui a disponibilidade para os acolher, e em que o estrangeiro é visto com uma crescente suspeita, qual o papel de todos nós na educação para uma cultura do diálogo e do encontro, de denúncia e de combate do racismo e da xenofobia? Que papéis desempenharemos nas dinâmicas sociais que geram “descartados” a uma velocidade alucinante (os idosos, os sem-terra, sem-pátria, sem “um travesseiro onde poisar a cabeça”, as crianças vítimas de guerras, traficadas, abandonadas, as mulheres discriminadas, exploradas – todos, todos, todos os deserdados, todas, todas, todas as deserdadas deste mundo)?

Teremos a coragem de olhar para o outro “descalçando as sandálias”, com a humildade de quem entra num espaço sagrado, uma humildade que reconhece o outro como um irmão, uma irmã, em pé de igualdade, e simultaneamente, como um outro que não é a duplicação de mim?

3. QUE IGREJA SONHAMOS?

À PROCURA DE “UMA NOVA PRIMAVERA”

O relatório sinodal coloca-nos muitas questões. Na nossa reflexão conjunta concentrámo-nos numa pergunta: *que Igreja sonhamos?* E, da nossa partilha, damos aqui voz à nossa esperança:

- Sonhamos uma Igreja acolhedora, acolhedora de todos: dos casados, dos homossexuais, daqueles que têm medo, vergonha ou desinteresse (talvez aparente?), dos jovens.

13 Viagem Apostólica do Papa Francisco a Portugal por ocasião da XXXVII Jornada Mundial da Juventude [2-6 de agosto de 2023]. Encontro com os representantes de alguns centros de assistência e de caridade. Discurso do Santo Padre. Centro Paroquial de Serafina, Lisboa, Sexta-feira, 4 de agosto 2023. In: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230804-portogallo-centri-assistenza.html>

Queremos caminhar com todos, queremos que a Igreja caminhe com todos.

- Queremos arriscar momentos de reflexão, espaços para pensar, espaços para escutar, espaços para conversar. Consideramos que faz muita falta uma pastoral de escuta.
- Perguntamo-nos se não acontece muitas vezes a hierarquia da Igreja não ser acolhedora, colocar-se numa posição de inacessibilidade. Mas reconhecemos que também há muitos leigos que não acolhem, que se fecham.
- Para onde foi o espírito do Concílio Vaticano II, a abertura ao mundo, aos sinais dos tempos, a um diálogo entre a fé e a cultura? Que esperança colocamos no Espírito Santo? Seremos capazes de contribuir para novas formas de liderança?
- Onde estão os jovens? Porque parece que não estão? O que andam os colégios católicos a fazer? Dispomo-nos a ouvir os jovens?
- Qual o papel da criatividade na expressão da fé? Que papel tem a beleza na fé?
- Como manifestamos a alegria da fé? Que papel tem a beleza na misericórdia?

“A Palavra do Senhor vem antes de toda a Palavra da Igreja”¹⁴, diz-nos o relatório do sínodo. Como os discípulos de Emaús, que tenhamos alento, esperança, um olhar puro e ouvidos à escuta para que os nossos olhos se abram e O reconheçam ao partir do pão. E digamos uns aos outros: “Não ardia o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” Regressemos a Jerusalém da nossa fé (o mundo inteiro) e digamos: “É verdade! O Senhor ressuscitou!” (Lc 24, 32.34). E disponhamo-nos a que Ele se torne invisível, porque visível em todos, todos, todos.

14 Primeira frase do Relatório. In: https://www.synod.va/content/dam/synod/assembly/synthesis/portuguese/2023.10.28-POR-Synthesis-Report_IMP.pdf

DA CONFLITUALIDADE À COMUNHÃO NA IGREJA

Frei Gonçalo Pereira Diniz, op

«A beleza do Evangelho requer ser vivida e testemunhada
em harmonia entre nós, que somos tão diferentes»

Papa Francisco

«O nosso mundo necessita de unidade, de reconciliação,
de comunhão, e a Igreja é Casa de Comunhão»

Papa Francisco

A presente exposição será apresentada em duas partes: uma primeira parte, com carácter mais geral – “Conflito e comunhão na Bíblia e na história da Igreja” – e uma segunda parte, com carácter mais particular, e também mais conjuntural, intitulada: “Conflito e comunhão no pontificado do Papa Francisco” (Papa Francisco que celebrou 11 anos de pontificado no passado dia 13 deste mês).

A tese que ora se propõe é que a categoria existencial do “conflito” na Igreja – pelo menos num sentido amplo da palavra “conflito” – sempre existiu, existe e existirá no seio da Igreja, porque as dissensões, o antagonismo, o espírito de rivalidade fazem parte da natureza humana. Isto é uma evidência, um dado de facto que nos ensina a história. Como a Igreja terrestre (a Igreja peregrina) *também* é uma instituição humana, necessariamente importa estas fragilidades humanas e sofre com elas. Por isso, “*Ecclesia semper reformanda*”.

Mas há um caminho de superação, caso a caso, da conflitualidade, inevitável e inexorável, que é o da conversão/purificação contínua, processo no qual todos nós, crentes, estamos envolvidos, ou

deveríamos estar. É um processo vivo e continuado, nunca um dado adquirido, até ao fim da nossa vida. E só se alcança através da concorrência da graça de Deus com a nossa própria motivação e acção pessoal. Como dizia Gustavo Gutiérrez: «A filiação divina é um dom, mas a construção da fraternidade é uma tarefa nossa»¹.

CONFLITO E COMUNHÃO NA BÍBLIA (NOVO TESTAMENTO) E NA HISTÓRIA DA IGREJA

A) CONFLITOS E TENSÕES NO NOVO TESTAMENTO

É curioso verificar que, no próprio Colégio Apostólico, existiram situações de tensão e conflito. O caso mais óbvio, e também o mais grave, foi o de Judas Iscariotes, que o levou a entregar traiçoeiramente o Mestre às autoridades religiosas judaicas. Mas há outros casos, que talvez nos escapem à primeira vista...

No tempo de Jesus, na Judeia, a questão política de fundo era a seguinte: ser-se contra ou a favor da presença e do domínio romano daquela região (cf. «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» - *Mt 22, 21*). Os saduceus, os herodianos, os publicanos, não só toleravam essa situação, como eram cúmplices na ocupação; os fariseus, em geral, eram nacionalistas moderados; já os zelotas eram nacionalistas ferrenhos, inimigos de Roma, apologistas duma insurreição armada.

Ora, podemos recordar como entre o grupo dos “Doze” havia um publicano (Levi/Mateus) e um zelota (Simão, “o zelota”, tal como aparece nas listas dos Apóstolos – ver *Lc 6,15*). Eram portadores de duas visões políticas diametralmente opostas. Certamente haveria conflitos e tensões entre os dois, mas foram superadas pelo seu amor e espírito de seguimento de Cristo.

Outra situação de notável conflito dentro da Igreja, descrita no Novo Testamento, diz respeito à repreensão pública que Paulo faz a Pedro, a propósito da questão das práticas judaicas. A passagem de *Gál 2, 11-14* refere-nos o episódio, passado em Antioquia,

1 Cf. DINIZ, Gonçalo P., *O clamor do ‘não-homem’*, contracapa (UCP Editora, 2020).

em que Pedro (Cefas) deixou de comer à mesma mesa que os gentios assim que chegou um grupo de membros da Igreja de Jerusalém (judeo-cristãos, portanto). Paulo censurou-o publicamente pela hipocrisia.

Esta questão – se as práticas judaicas (circuncisão, interditos alimentares, não comer à mesma mesa que os gentios, ritos de purificação legal, etc.) deviam ou não ser impostas aos gentios recém-convertidos – viria a ser resolvida no Concílio de Jerusalém (ano 51): os cristãos vindos do mundo gentílico ficaram, em geral, dispensados dessas práticas (*Act 15, 1-33*).

Podemos ainda recordar-nos do desacordo entre Paulo e Barnabé, aquando da segunda viagem missionária do Apóstolo dos gentios. O texto é lacónico, mas não deixa margem para dúvidas. A propósito de João, chamado Marcos, que Barnabé queria que seguisse na viagem com eles, mas a que Paulo se opunha, diz-nos o texto: «Seguiu-se uma discussão tão violenta que se separaram um do outro e Barnabé tomou Marcos consigo, embarcando para Chipre» (*Act 15, 37-39*).

Outro exemplo, bem actual por sinal... Paulo dirige uma crítica aos membros da Igreja de Corinto que estão divididos nas suas fidelidades pessoais: «Quando um diz: “Eu sou de Paulo”; e outro, “Eu sou de Apolo”, não estareis a proceder como simples homens? Pois, quem é Apolo? Quem é Paulo? Simples servos, por cujo intermédio abraçastes a fé, e cada um actuou segundo a medida que o Senhor lhe concedeu. Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem deu o crescimento. Assim, nem o que planta nem o que rega é alguma coisa, mas só Deus, que faz crescer» (*1 Cor 3, 4-7*).

Quantas vezes, nas comunidades cristãs, se ouve: “O meu pároco era o Pe. X; não me revejo neste...” (o antigo é que era bom); “eu sou do Pe. Y” ou “o meu Papa é o Z, não é o actual”... Isto sem deixar de ser legítimo uma pessoa ter as suas preferências pessoais, mas aqui está em causa remarmos no mesmo sentido, com sentido de comunhão eclesial, que muitas vezes falta.

As irmãs Marta e Maria, à sua maneira, também estão na origem de uma certa tensão dentro da Igreja, até aos dias de hoje: a tensão entre a vida apostólica, marcada pelo primado da acção,

da praxis; e a vida contemplativa, que é essencialmente passiva, receptiva: a adoração, o êxtase, o silêncio, a escuta, o abandono a Deus e à sua providência. Curiosamente, Aristóteles designava a contemplação como uma “actividade pura; o ser por ser”².

Jesus não desvaloriza a acção de Marta, mas nem por isso deixa de dizer que Maria – que estava aos seus pés, em adoração, contemplando o Divino Mestre, enquanto a sua irmã Marta se atarefava com as lides domésticas – “escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada” (Lc 10,42).

Neste seguimento, dirão os sábios medievais, sem grandes argumentações nem justificações (porque o mistério não se justifica nem se explica... se o for, deixa de o ser): «*vita contemplativa simpliciter melior est quam vita activa*» (“A vida contemplativa é simplesmente melhor que a vida activa”).

O que é que isto tem que ver com tensões e conflitos na Igreja?... Mais que o que possamos pensar. Ainda hoje, não poucos membros da Igreja desprezam a dimensão contemplativa, testemunhada na vida silenciosa e orante de tantos monges e monjas, às vezes referindo-se a essa vocação desdenhosamente, como um pretexto para a preguiça e desculpa para “não fazer nada”.

A este propósito, convido-vos a ler um livro de um monge anónimo britânico do séc. XIV, que constitui um clássico da mística cristã – “A nuvem do não saber” (“*The cloud of unknowing*”) – em que o autor se queixa de alguma incompreensão a esse nível.

Neste contexto, a tradição espiritual dominicana faz uma boa síntese, que se afirma no brocardo “*contemplata aliis tradere*” (“contemplar e dar o contemplado”). Compreende uma metodologia própria, em dois momentos: 1º momento de contemplação orante, de recepção da graça de Deus; e um 2º momento de acção apostólica, por palavras e por obras, através do compromisso concreto (social, político, eclesial, na família, na escola, etc.). O segundo momento, no fundo, traduz os frutos da contemplação.

A questão de fundo parece-me ser esta: respeitamos a variedade de carismas que existem na Igreja (1 Cor 12,11)? Ou

2 Ver ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco* (Quetzal, 2004), p.16.

achamos que há uns carismas melhores e mais importantes que outros? Sobrevalorizamos os nossos carismas e sensibilidades e desvalorizamos os carismas e sensibilidades dos nossos irmãos?...

B) CONFLITOS E TENSÕES NA HISTÓRIA DA IGREJA

São numerosos, como sabemos... Serei breve e sintético, para passarmos então ao tema principal. Mas gostaria de insistir neste ponto: as tensões e os conflitos de hoje, e o desafio da comunhão eclesial, têm um contexto e uma longa tradição; não é nada de inédito («Não há nada de novo debaixo do sol» *Qohelet 1,9*). A título exemplificativo, e muito telegraficamente, podemos recordar na história da Igreja:

- a) As heresias cristológicas dos primeiros séculos do Cristianismo (o docetismo gnóstico, o arianismo, etc.) ou as querelas em volta da fixação da data da Páscoa.
- b) A génese do movimento monacal, com os chamados “Padres do Deserto” (sécs. III-IV), como Stº Antão e Paulo de Tebas, como forma de reacção a uma Igreja crescentemente próxima do Império Bizantino e imiscuída nos assuntos de Estado.
- c) O grande Cisma do Oriente, em 1054, com a divisão da Igreja Latina (Occidental) das Igrejas Orientais, um verdadeiro “pecado estrutural”, segundo o Prof. Borges Pinho.
- d) O movimento popular dos “*pauperes Christi*” e das ordens mendicantes no séc. XIII, como forma de retorno e promoção da pobreza evangélica, numa época em que a Igreja assumia crescentemente um “ar senhorial, pomposo e distante” (Yves Congar).
- e) O Cisma do Ocidente, entre 1377-1417, com o papado de Roma e o papado de Avinhão.
- f) O advento das Igrejas reformadas – Anglicana, Luterana, Calvinista, entre outras – no século XVI, e as subsequentes guerras religiosas que se seguiram (que muito contribuíram para o processo acelerado de secularização na Europa).
- g) No contexto da evangelização *ad gentes* dos “novos mundos” descobertos pelos povos peninsulares, uma questão polémica que se colocou foi a de saber se se deveria seguir a via da

inculturação ou impor os costumes e práticas litúrgicas e catequéticas ocidentais.

- h) A extinção da Companhia de Jesus pelo Papa Clemente XIV, em 1773, no seguimento de fortes pressões políticas dos monarcas ocidentais.
- i) A questão cultural do “Modernismo”, na sequência do Liberalismo, ao longo do séc. XIX, foi também outra fonte de tensões dentro da Igreja...
- j) A aplicação de métodos científicos na exegese bíblica (ex. método crítico-histórico, as formas, os géneros literários, etc.) também foi uma questão polémica no seio da Igreja (apenas resolvida no séc. XX, com o Papa Pio XII).
- k) O Concílio Vaticano II, com as suas profundíssimas reformas... A irrupção da Teologia da Libertação na América Latina no período pós-conciliar, etc, etc.

CONFLITO E COMUNHÃO NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO

Até agora, só temos dado exemplos de conflitos e tensões históricas na Igreja... Mas se a Igreja não tivesse sido capaz de os superar, com a graça e a presença indefectível do Espírito Santo, não estaríamos cá hoje... O conflito existe, mas a força do amor e da comunhão, em última análise, têm tido a última palavra. Deus é grande.

Existem tensões internas nestes 11 anos de pontificado do Papa Francisco? Com certeza, tal como existiram tensões em todos os pontificados anteriores. Basta pensarmos nos pontificados imediatamente anteriores ao de Francisco (Bento XVI... João Paulo II... Paulo VI... João XXIII...).

Irei agrupar as principais matérias que têm provocado mais *frisson* na Igreja em três apartados: 1) A intervenção pública do Papa Francisco em questões de natureza política e económica; 2) O acolhimento como chave-mestra do pontificado do Papa Francisco e a questão sinodal; e, por fim, 3) A questão da Liturgia Eucarística.

1) A INTERVENÇÃO PÚBLICA DO PAPA FRANCISCO EM QUESTÕES DE NATUREZA POLÍTICA E ECONÓMICA

No primeiro documento da sua autoria – a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) – a encíclica *Lumen Fidei* está assinada pelo Papa Francisco, mas foi da autoria de Bento XVI) – , e desde então, o Papa Francisco tem tido um papel incansável na denúncia de uma economia mundial sem rosto humano, que se serve a si própria, mais preocupada com as riquezas naturais do planeta do que com os seres humanos que nele habitam, ou, como dizia Gustavo Gutiérrez, um sistema que se preocupa mais com o produto do trabalho do que com a pessoa dos trabalhadores.

Na senda do princípio pastoral, e profundamente evangélico, da opção preferencial pelos pobres, o Papa Francisco tem chamado a atenção para a sorte dos mais fracos e marginalizados do sistema económico hegemónico: os membros das culturas menosprezadas; as mulheres, ainda injustamente discriminadas em muitas partes do mundo; os vencidos do sistema, que se vêem de um momento para o outro postos de parte como peças descartáveis; as populações mais vulneráveis aos efeitos das mudanças climáticas; trabalhadores explorados; as vítimas da guerra; refugiados e imigrantes económicos; etc.

Muito do juízo crítico do Santo Padre é dirigido contra um sistema global que se revela muito zeloso na globalização do capital financeiro e na promoção do crescimento económico contínuo – e conseqüente apelo constante ao consumismo –, bem como na busca de mercados de trabalho baratos e desregulamentados; mas que já não demonstra o mesmo zelo e entusiasmo à hora da globalização dos direitos humanos, particularmente os direitos sociais, nem tão-pouco da justiça, da paz e da ecologia.

Além do mais, o sistema económico globalizado tem sido um alfobre de desigualdades sociais e económicas como nunca houve na história da humanidade (cf. a acumulação de fortunas faraónicas por parte duma pequena oligarquia mundial).

Quer o conteúdo quer o tom das intervenções do Papa Francisco nestas matérias provocaram natural celeuma dentro da Igreja, com sectores do laicado (mas não só...) muito críticos em relação à

sua doutrina social: que se está a meter em assuntos que não são da sua competência (“O Papa não percebe nada de Economia”); que as preocupações pela justiça social constituem um empecilho ao crescimento económico que, a prazo, a todos beneficiaria (mas a espera nunca acaba... pelo menos para quem está na base da pirâmide); que não existe alternativa viável ao sistema económico prevalecente, que se funda no capital financeiro e no individualismo extremo; etc.

Pela nossa parte, e uma vez que a Economia toca a todos – economistas e não economistas – achamos que qualquer pessoa tem legitimidade para se pronunciar sobre estas questões. O mesmo sucede com a Política. O Papa, por maioria de razão, também o poderá fazer, se assim o entender.

Além do mais, cabe aos pastores da Igreja, em geral, o dever religioso e profético de denunciar quaisquer sistemas ou estruturas humanas que oprimam o ser humano, particularmente os mais pequenos e vulneráveis, ecoando o testemunho do célebre missionário quinhentista, frei Bartolomeu de Las Casas, e que aqui citamos de memória: «Do mais pequenino, Deus tem a memória mais viva».

2) O ACOLHIMENTO COMO CHAVE-MESTRA DO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO E A QUESTÃO SINODAL

Jesus, na sua palavra e na sua acção, sublinhou, como nenhum outro, a importância do acolhimento no quadro dos valores cristãos: Jesus acolhia as crianças, profundamente menosprezadas naquele tempo e lugar; respeitava as mulheres e colocava-as em paridade com os homens, na sua dignidade humana; tinha mulheres no seu grupo alargado de discípulos; exigia a pureza de olhar em relação a elas, defendia-as da tirania do repúdio marital (extremamente liberal), afirmando a indissolubilidade do matrimónio; salvou das garras de um grupo de homens hipócritas uma mulher apanhada em adultério, entre outras situações.

Jesus também se dirigia a publicanos, aos “pecadores públicos”, a pagãos; apresentava aos judeus um samaritano como exemplo

de compaixão e misericórdia; acolhia os pobres e libertava os possesos; curava os leprosos, os cegos, os coxos; e também não recusava ir a casa dos fariseus – que tanto o criticavam – no seu desejo de a todos reconduzir à conversão.

O Papa Francisco tem sido um arauto incansável deste acolhimento tipicamente cristão. O seu esforço por integrar na vida da Igreja pessoas em situação específica, como sejam os divorciados recasados, as pessoas de identidade homossexual, a revalorização do papel da mulher na Igreja e o papel dos leigos no governo da Igreja (questão sinodal) constitui um bom testemunho desta preocupação profundamente evangélica.

Acerca do acolhimento eclesial dos divorciados recasados, é particularmente relevante a segunda exortação apostólica do Papa Francisco, *Amoris laetitia* (2016). Aí se pode ler, no contexto do capítulo VIII (“Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”), o seguinte:

“Trata-se de integrar todos, deve ajudar-se cada um a encontrar a sua própria maneira de participar na comunidade eclesial, para que se sinta objecto de uma misericórdia «imerecida, incondicional e gratuita». Ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho! (...) Quanto ao modo de tratar as várias situações chamadas ‘irregulares’, os Padres sinodais chegaram a um consenso geral que eu sustento: «Na abordagem pastoral das pessoas que contraíram matrimónio civil, que são divorciadas novamente casadas, ou que simplesmente convivem, compete à Igreja revelar-lhes a pedagogia divina da graça nas suas vidas e ajudá-las a alcançar a plenitude do desígnio que Deus tem para elas», sempre possível com a força do Espírito Santo” (cf. AL n°297).

O Papa também tem expressado, em diferentes ocasiões e circunstâncias, o seu cuidado pastoral em relação às pessoas de orientação homossexual, defendendo resolutamente o seu acolhimento na vida da Igreja, sem discriminação, mas ao mesmo tempo com o cuidado de não se deixar enredar na agenda política e ideológica de certos grupos de pressão, como a LGBT+.

A este respeito, alertava o Santo Padre, em entrevista recente, a propósito do “caminho sinodal” da Igreja alemã, que, «quando a ideologia se envolve nos processos da Igreja, o Espírito Santo vai para casa»³.

Foi recentemente publicado, pelo Dicastério para a Doutrina da Fé, a declaração *Fiducia supplicans* (18 Dezembro 2023), documento que se tornou mais um foco de divisão dentro da Igreja universal, ao prever a bênção de uniões entre pessoas do mesmo sexo, ao arrepio da doutrina moral constante da Igreja sobre esta matéria.

Em 26 de Janeiro deste ano, na audiência aos participantes da assembleia plenária do Dicastério para a Doutrina da Fé, a propósito da polémica surgida com a referida declaração, o Santo Padre afirmou, e cito: «Não se abençoa a união, mas as pessoas que a solicitaram»⁴.

O que é facto é que no referido documento se afirma, expressamente, a possibilidade da bênção da “união” ou da “relação” entre pessoas do mesmo sexo. E a polémica centra-se precisamente nisso – na situação institucional (como dizia a mesma CDF, apenas em 2021, sobre o mesmo assunto, «A Igreja não pode abençoar o pecado») – pois a bênção a uma pessoa homossexual sempre foi possível, e até devida, à luz do ‘Ritual Romano para a Celebração das Bênçãos’ existente.

Em atenção à afirmação do Santo Padre, acima referida, é de presumir que, num futuro próximo, a declaração *Fiducia supplicans* seja objecto de reformulação, alcançando-se assim a pacificação e a comunhão na Igreja num ponto importante de doutrina moral.

Sobre a questão da sinodalidade – “caminho conjunto” –, um processo que está em curso, diz-nos o documento “*Vademecum* para o Sínodo sobre a Sinodalidade”, no ponto 1.4., falando da “Missão”: «A Igreja existe para evangelizar. Nunca podemos estar centrados em nós mesmos. A nossa missão é testemunhar o amor

3 Cf. MARQUES, Ademar Vala, “A jornada da Igreja que já foi de César”. In *Revista Expresso*, Ed. 2647, 21 Julho 2023, p.34, op. cit.

4 Cf. site da Agência Ecclesia. Consulta em 21 Março 2024.

de Deus no meio de toda a família humana. Este Processo Sinodal tem uma dimensão profundamente missionária»⁵.

Por sua vez, no *Instrumentum Laboris* para a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, concretamente na sua secção B, volta-se a falar na «comunhão, missão e participação» como questões prioritárias para a Igreja. No desenvolvimento da dimensão missionária da Igreja somos todos desafiados à coresponsabilidade na missão, através da partilha de dons e tarefas, ao serviço do Evangelho⁶.

Se a palavra “sinodalidade” remete para um caminho conjunto, no qual os crentes são chamados a uma participação activa na vida da Igreja e nos seus processos de decisão, então a própria constituição deste Sínodo, que irá reunir novamente em Outubro deste ano, já reflecte isso mesmo. Efectivamente, a título de exemplo, há que sublinhar a participação, pela primeira vez, de mulheres com direito de voto. Também estará presente, na referida assembleia, um grupo significativo de outros leigos. E estarão em cima da mesa questões pastorais incómodas e difíceis, já presentes no “documento de trabalho”, para debate no Sínodo. Isto é também indiciador de uma preocupação missionária em espírito sinodal.

A missão da Igreja em contexto de sinodalidade, proposta pelo Papa Francisco, é um processo que já está em marcha, mas que só chegará a bom porto se deixarmos o Espírito Santo actuar. Para tanto, há que guardar um coração humilde e cultivar a fidelidade à Revelação cristã.

3) A QUESTÃO DA LITURGIA EUCARÍSTICA

Chegamos, enfim, ao último ponto de análise... Lamentavelmente, aquele que é o sacramento da comunhão por excelência – a Eucaristia (e não há Igreja sem Eucaristia) – tem-se revelado, ao nível da sua celebração, um pomo de discórdia e de tensão entre o Papa Francisco e alguns sectores mais tradicionalistas

5 Cf. *Sínodo 2021-2023, documentos e orientações*, p.43.

6 Ver “*Instrumentum Laboris*” para a XVI A.G. Ordinária do Sínodo dos Bispos, 20.06.2023. In <https://press.vatican.va> Data de consulta: 17 Julho 2023.

dentro da Igreja, fundamentalmente constituídos por gente muito nova.

Tentarei ser o mais sintético possível, evitando entrar em minudências litúrgicas e grandes pormenores. Dentro do rito romano actual, existem duas formas de celebração: a *forma ordinária*, instaurada pelo Missal Romano de 1970, que já vai na sua 3ª edição; e a *forma extraordinária*, também conhecida como “Missa Tridentina” ou de “Missa de São Pio V” (o ritual previsto no Missal Romano de 1570, com algumas alterações que lhe foram acrescentadas até à última edição, em 1962)⁷.

A origem do Missal Romano de 1970 resulta, como se sabe, do Concílio Vaticano II. A constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a sagrada liturgia, pediu expressamente uma nova revisão do Missal Romano, e o Missal de 1970 foi o resultado (este Missal foi promulgado em 3 de Abril de 1969 e começou a ser amplamente utilizado em 1970).

Em 16 de Julho de 2021, o Papa Francisco promulgou uma carta apostólica, sob forma de *motu proprio* (“decreto papal”), intitulada “*Traditionis custodes*” (“Guardiães da Tradição”), que na prática restringe fortemente a celebração da Missa Tridentina.

O uso da forma extraordinária de celebração depende agora da autorização expressa do Bispo local a grupos que pretendam celebrar a Missa tradicional pré-conciliar (artigo 2º), só podendo ocorrer em igrejas e locais determinados por ele (Bispo), não podendo ter lugar em igrejas paroquiais (artigo 3º/2), não sendo autorizada a constituição de novos grupos (artigo 3º/6) ou novas paróquias pessoais (artigo 3º/2).

Este *motu proprio* do Papa Francisco alterou profundamente o *motu próprio* “*Summorum Pontificum*”, de 2007, do seu predecessor Papa Bento XVI. Efectivamente, no *motu próprio* de Bento XVI era reconhecido, com algumas condições, o direito de todos os sacerdotes de rito latino celebrarem a Missa Tridentina (na sua última adição, de 1962).

7 Ver Mons. André Sampaio de Oliveira, “O Rito Romano e o novo *Motu Proprio* ‘*Traditionis Custodes*’ ”. Vatican News (em linha). DC 20 Março 2024.

Na sua carta endereçada aos bispos de todo o mundo, o Papa Francisco justificava a sua decisão do seguinte modo: «Em defesa da unidade do Corpo de Cristo, sou obrigado a revogar a faculdade concedida pelos meus predecessores (...) O uso distorcido que foi feito desta faculdade é contrário às intenções que levaram a conceder a liberdade de celebrar a Missa com o *Missale Romanum* de 1962».

Para o Papa Francisco, os seus predecessores – São João Paulo II e, sobretudo, Bento XVI –, ao permitirem a celebração da Missa Tridentina, pretenderam encorajar a unidade da Igreja, salvaguardando as diversas sensibilidades litúrgicas, mas esse gesto foi abusado por certos sectores minoritários da Igreja para explorarem lacunas, reforçarem divergências e encorajarem discórdias sectárias que ferem a unidade da Igreja e a expõem ao perigo da divisão.

Na perspectiva do Papa Francisco, a celebração da Missa Tridentina tornou-se um modo encapotado de oposição ao Concílio Vaticano II, através da qual se rejeita a Igreja actual e as suas instituições em nome duma suposta “verdadeira Igreja”. Ora, para Francisco, duvidar do Concílio é duvidar do próprio Espírito Santo que conduz a Igreja.

De momento, é uma questão que marca uma certa divisão na Igreja. O futuro dirá como isto evoluirá. As preocupações do Papa Francisco parecem ser, sem dúvida, muito pertinentes, mas também às vezes nos podemos perguntar se estas intervenções não acabam por ter um efeito contraproducente...

Efectivamente, muitos movimentos e modas litúrgicas “perdem gás” com o decorrer do tempo, acabando por se esvaziar por si mesmos. A revogação do *motu proprio* de Bento XVI não poderá ter tido o efeito de acicatar ainda mais estes grupos sectários?... Sentindo-se acossados e perseguidos, experimentando um sentimento de “injustiça”, estes grupos ganham muitas vezes força e capacidade de mobilização. A questão está em aberto...

ASSUMIR E ULTRAPASSAR O MEDO NA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

Teresa Messias

INTRODUÇÃO

A experiência do medo é tão antiga quanto a condição humana e a sua autoconsciência.

Se mergulharmos no mundo da filosofia grega (por exemplo o *Fédon* de Platão), da Literatura antiga (as tragédias de autores gregos como Ésquilo ou Sófocles, por exemplo) ou de qualquer grande religião, incluindo o Judaísmo e o Cristianismo, encontraremos testemunhos desta poderosa emoção que surge na consciência humana desde o início da nossa existência pessoal, até ao fim da vida. O medo é um sentimento calidoscópico, que pode surgir a partir de acontecimentos e factos que nos são conscientes ou manifestar-se presente na consciência sem que lhe possamos atribuir, direta e conscientemente, uma causa. Talvez sejam essas as piores experiências de medo, as que brotam das profundidades do nosso inconsciente e manifestam que há uma dimensão mais profunda e latente em nós do que aquela de que, num dado momento, estamos conscientes.

Como procurarei mostrar em seguida, a emoção do medo não é necessariamente má. Ela surge, em princípio, como advertência de algo que pode constituir-se um perigo para o sujeito, e, nessa situação, funciona como uma espécie de “luz avisadora” de algo que pode por em causa a nossa integridade física, psicológica ou espiritual. Torna-se, porém, um problema, quando passa de experiência momentânea, pontual e com causa objetiva e identificável, para um sentimento disseminado, penetrante e, de certa forma, permanente, que bloqueia a pessoa na procura de

soluções de libertação das causas do medo e na construção de caminhos de realização pessoal e comunitária.

No entanto, sabemos todos que o mundo do(s) medo(s) não é sempre objetivável e racionalizável. A personalidade de cada um, o seu passado e história pessoal de vida, as experiências que viveu, todos esses elementos influenciam o mundo emocional, psicológico e espiritual que define cada um como pessoa única e irrepetível. Poderíamos mesmo dizer: a cada um, os seus próprios medos. No entanto, aquilo a que assistimos hoje em dia é um alargamento notável e persistente das circunstâncias objetivas e subjetivas que fazem surgir em nós a consciência de medo(s), de tal modo que através deles e neles somos conduzidos a sentimentos que lhe estão vinculados como angústia ou desânimo. Não nos faltam fatores e circunstâncias concretas que podemos identificar como causas objetivas e justificadas de medo, pelo menos pontual. Mas a grande questão que parece estar a colocar-se nas nossas sociedades contemporâneas é a de começarmos a ficar dominados pelo medo, aprisionados na angústia, de certo modo confortáveis no desalento, incapazes de reagir, de procurar soluções, caminhos de verdadeira libertação e realização humana que nos permitam passar do medo para a esperança e para a alegria, ou ainda para uma sua forma privilegiada que é a felicidade existencial.

Se olharmos para algumas estatísticas atuais, temos motivos para apreensão. Apresento apenas duas que me parecem suficientes. Ambas são da OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, organização intergovernamental com 38 países membros, fundada em 1961, para estimular o progresso económico e o comércio mundial. Em 10 de outubro de 2022, a OCDE publicou uma estatística sobre o consumo de antidepressivos entre 29 dos países membros. Nesse gráfico, Portugal é o segundo país da OCDE com maior consumo de antidepressivos, e desde 2015, é quarto país no qual o consumo destes fármacos mais cresceu: 47%¹. É verdade que estes números precisam de uma interpretação mais fina e circunstanciada, pois eles também estão

1 Este gráfico pode ser visualizado em: <https://maisliberdade.pt/maisfactos/dia-mundial-da-saude-mental-consumo-de-antidepressivos/> (Acesso em 3 abril 2024).

vinculados à falta de recursos e serviços na área da saúde mental e do apoio psicológico e são efeito da sua falta. Um outro gráfico importante para fazermos uma radiografia estatística é o relativo ao bem-estar dos adolescentes portugueses, publicada a 2 de janeiro 2022, pela OMS² com o estudo *Comportamento de saúde das crianças em idade escolar: 27,7% dos adolescentes afirmam-se infelizes e 24,6% referem ter tido comportamentos autolesivos no último ano.*

A estas circunstâncias sociais juntam-se outras específicas da situação dos cristãos – e dos católicos em particular – nas circunstâncias contemporâneas: os casos conhecidos de abusos sexuais, de consciência e económicos, a diminuição da vinculação à comunidade eclesial na sua vertente mais institucional ou litúrgica, um desejo de renovação eclesial por parte de setores que não se identificam com algumas práticas e conceções teológicas que consideram arcaicas, juntamente com o seu oposto, isto é, setores que consideram que nas últimas décadas tem sido imposto um tal ritmo de mudança no interior da Igreja Católica e das suas práticas que – dizem eles – caminhamos para a negação de aspetos essenciais da prática eclesial e um eventual cisma no interior da Igreja Católica começa a ser mais do que uma confabulação sem sentido.

Este esboço grosseiro e a traços largos, nosso conhecido, é também do conhecimento do Papa Francisco. O seu magistério papal e a sua proximidade fraterna fá-lo saber, talvez até melhor do que nós (na medida em que o seu grau de informação de muitos acontecimentos do mundo será superior nalguns temas) as circunstâncias difíceis em que nos é dado viver. No entanto, antes, nelas e para além delas, situa-se também a presença de Cristo

2 Pode visualizar-se o vídeo de apresentação deste estudo, feito em Portugal, em: <https://www.facebook.com/direcaogeralсаude/videos/аsa%С3%BAde-dos-аdolescentes-portugueses-em-contexto-de-pandemia-hbscoms-2022/1163558937629907/> (Acesso em 3 abril 204). Também se pode aceder ao gráfico através de Instituto + Liberdade, em: <https://maisliberdade.pt/maisfactos/indicadores-de-sаude-e-bem-estar-dos-аdolescentes-portugueses/> (Acesso em 3 abril 204).

ressuscitado, conhecedor e vencedor de todos os abismos, medos e mortes da condição humana, de ontem e de sempre.

Ao vir ter connosco em agosto do ano passado de 2023, Francisco fez um conjunto de intervenções que estavam claramente pensadas com o objetivo de nos animar a ultrapassar os nossos medos contemporâneos, de modo que eles não nos bloqueiem na esperança e na coragem de seguir Cristo e viver dando testemunho do Seu amor e presença, neste mundo complexo e, em parte, assustador. Ao longo das suas 11 intervenções nas JMJ2023, utilizou a expressão “não tenhais medo” 13 vezes, várias delas em correlação direta com citações dos evangelhos em que Jesus se dirige diretamente aos discípulos para os libertar do medo e lhes propor caminho e horizonte missionário, de sentido existencial.

Mas o medo, como sentimento humano, não é todo igual já que não surge nas mesmas circunstâncias nem tem por origem as mesmas causas. Com essa palavra designamos, de facto, emoções que podem apresentar-se diferentes, apesar de estreitamente interligadas, sobretudo quanto aos motivos e objetos a que se dirigem. Porque temos medo, do que temos medo e como vivemos subjetivamente o medo são aspetos diferenciados.

1. MEDO NA PERSPETIVA PSICOLÓGICA/ PSICANALÍTICA

Considerado a partir da Psicologia ou Psicanálise, o medo é descrito como:

“uma emoção primária de defesa provocada por uma situação de perigo que pode ser real, antecipada por previsão, evocada por recordação ou produzida por uma fantasia. O medo, com frequência, está acompanhado por uma reação orgânica, da qual é responsável o sistema nervoso autónomo, que prepara o organismo para as situações de emergência dispondo-o, ainda que de maneira não específica, à preparação para a defesa, que se traduz em geral por atitudes de luta e fuga; ao contrário, quando é ampliada e relativa a objetos, animais ou situações que não podem ser considerados aterrorizantes, assume rasgos

patológicos de fobia, que a psicanálise interpreta como uma defesa ante a angústia. (...).”³

Por outro lado, seguindo a teoria de S. Freud, pode-se diferenciar entre medo e ansiedade.

“[...] [O medo] é considerado uma resposta de curto prazo apropriada a uma ameaça atual, claramente identificável, enquanto a ansiedade é uma resposta orientada para o futuro, de longo prazo, focada numa ameaça mais difusa. Alguns teóricos caracterizam esta distinção mais especificamente [...]. Sejam quais forem as diferenças precisas de significado, os termos são frequentemente intermutáveis no discurso comum.”⁴

A partir destas clarificações mais técnicas, já podemos ver que o medo pode ser considerado um sentimento positivo, na medida em nos ajuda a estar atentos a situações de perigo, a evitá-las e fugir delas ou a lutar contra elas, mas pode também apresentar-se como um sentimento complexo, revelador de condicionalismos pessoais ou mesmo de patologia psicológica ou mental. Certamente, não é em relação a estes casos clínicos que o Papa Francisco se dirigiu, pois eles precisam de uma intervenção técnica e rigorosa. Ele dirigiu-se à situação difusa e de fundo cultural, que todos vivemos, feita de causas e contextos objetivos e concretos, os quais, pela sua persistência e ausência de respostas ou soluções práticas, criam em nós um estado contínuo, que se pode tornar latente e quase habitual, de uma angústia existencial, de falta de expectativas, de desânimo a respeito de nós e da vida.

2. O MEDO NA PERSPETIVA DO ANTIGO TESTAMENTO

No AT, o sentimento do medo está presente e é amplamente abordado. Afirma Bruna Costacurta: “O sentimento do medo está amplamente atestado, com numerosos termos usados para indicá-

3 Umberto Galimberti, *Diccionario de Psicologia*, Siglo XXI editores, Coyoacán (México) – Argentina, 2002, 705.

4 “Fear” in *APA Dictionary of Psychology*. Em linha. Acedido em <https://dictionary.apa.org/fear> (03/04/2024).

lo e muitas descrições de diversas situações nas quais os vários sujeitos o experimentam e o manifestam de vários modos.”⁵ Surge tanto no indivíduo quanto na coletividade e manifesta a consciência da própria fragilidade, de existência ameaçada por alguma razão.

“Se se tem medo é porque se é, ou se crê ser, à mercê de alguma coisa que ameaça a plenitude da própria possibilidade de vida, a todos os seus níveis (sanidade física, integridade psíquica e espiritual, permanência de pessoas ou instituições que garantam o próprio bem, felicidade de relações, etc.). Seja que se encontre diante da espada ou de um pesadelo, diante de um leão ou de uma doença, diante de Deus o de um rio transbordante, o que vem posto em questão é a própria relação à vida. O verdadeiro medo é o de perder-se, e a morte, o rei dos terrores, é o definitivo perder-se que subjaz a cada temor.”⁶

O medo pode também resultar danoso para o homem que o vive, levando-o a comportamentos negativos⁷. Diante das várias causas de medo, sobretudo face à morte, o homem bíblico procura algumas soluções. Mas será a fé que lhe abre a verdadeira via de solução para o medo radical, cuja solução não se encontra em si nem está ao seu alcance. Para que o homem seja salvo dos seus maiores medos, nomeadamente o da morte, é preciso “que se abra a uma superação na sua busca e no acolhimento de uma diversa e radical salvação, aquela que vem de Deus.”⁸

É para Deus que enviará, em última instância, o seu pedido de socorro e salvação, por meio da liturgia ritual e da oração pessoal. Será Deus quem, para além das soluções pontuais que possa encontrar, lhe poderá oferecer uma salvação radical e última, que lhe faça dar sentido às limitações da sua existência e, ultimamente, à morte. Pois o homem está criado e chamado por Deus a uma vida plena e na relação com Ele é-lhe oferecida uma saída para

5 Bruna Costacurta, *La vita minacciata. Il tema della paura nella bibbia hebraica*, Editrice Pontificio Istituto Biblico, Roma, 1988, 16.

6 Bruna Costacurta, *La vita minacciata*, 28.

7 Cf. Bruna Costacurta, *La vita minacciata*, 251.

8 Bruna Costacurta, *La vita minacciata*, 251.

viver uma vida sem medo. A libertação do medo coincide com a experiência da salvação.

Uma das fórmulas presentes no AT que atesta este desígnio de libertação do medo é “não temas” (’al tîrā’), presente, por exemplo Is 41, 10: “Não temas, porque estou contigo.” É a expressão mais presente no AT, aparecendo perto de 80 vezes. É uma expressão de autorrevelação de Deus, dirigida diretamente a uma pessoa ou através de um seu representante. Através dela, Deus visa fazer cessar o medo ou evitar que surja. Por vezes, a ela se segue a afirmação da presença de Deus: “eu estou contigo”. É garante de força e de vitória, de ultrapassagem dos perigos. “A ameaça, que existe, na realidade não é perigosa para aquele que é protegido pelo Senhor porque não tem a capacidade de prevalecer sobre ele”⁹, seja um inimigo ou uma adversidade. A presença de Deus faz o homem ameaçado sair de si, do fechamento sobre si próprio, da solidão e do desencorajamento que o medo produz, enviando-o ao mundo para cumprir a sua missão e realizar a sua vida a partir da comunhão com Deus.

Além desta expressão, encontramos no AT outras expressões que têm o mesmo sentido desta, frases de encorajamento e de ânimo em vista da superação de tudo o que são situações ameaçantes, geradoras de medo: convite a não temer (Dt 7, 21), a ter firmeza e coragem (Zac 8, 9; 2 Sam 2, 7), à fidelidade e à alegria (Is 26, 4; Sal 62,9; Sof 3, 14).

A saída do medo, oferecida por Deus, confere ao homem um outro modo de estar no mundo pois, uma vez liberto do medo, dá-se nele uma transformação que lhe permite uma nova percepção da realidade. Como consequência, o ser humano adquire uma nova capacidade de intervir na realidade, pois descobre-se acompanhado e revestido de uma força maior do que a ameaça e maior do que o medo (exemplo, o caso de Moisés na sua relação com o Faraó).

Deus, que, na sua transcendência e santidade, é para o crente judeu também motivo de temor na sua onipotência transcendente, revela-se, para o crente que acolhe a sua força libertadora e O

9 Bruna Costacurta, *La vita minacciata*, 260.

serve com fidelidade, uma proteção, uma presença benévola que gera realização humana e comunhão (Ex 20, 20; Jz 6, 22-23). Do temor passa-se à coragem (Ez 22, 14) e à confiança, por vezes mesmo à audácia (Sl 119, 109). A vida abre-se à fidelidade a Deus e à paz (Dt 28, 66), à construção e celebração da comunhão. O conhecido tema veterotestamentário do “temor de Deus” não se inscreve exatamente neste tema humano do medo, já que ele tem características próprias. Trata-se de uma atitude de respeito, amor, reverência admirativa e adorante, centrada no desejo de não ofender. O temor é em relação a magoar ou ofender Deus) por causa da sua transcendência e bondade, e não por causa de eventuais reações agressivas suas. Por isso se pode ler que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Prov 1, 7; 9, 10). Só um crente e fiel a Deus pode viver este tipo de temor a Deus. Trata-se de um “temor puro e que permanece eternamente” (Sl 19, 9) e isso mesmo reconhece a bíblia quando afirma “no ímpio não há temor de Deus” (Sl 36,1).

A experiência do medo humano, sobretudo nas suas formas mais radicais, é oportunidade e ocasião de apelo para a transcendência. Se, por um lado, é revelação da fragilidade e limite humanos, por outro, é a ocasião para a manifestação de Deus na sua capacidade e desejo de intervir eficaz e pessoalmente na interioridade do que é afligido pelo medo e nas circunstâncias históricas que o envolvem, chamando-o à fé que se orienta para a missão no mundo, revelando-O e testemunhando-O. O medo torna-se, assim, possibilidade de uma experiência única e singular da transcendência de Deus, do sentido da sua existência e de que o medo último da morte e do absurdo que ela significa, só com Deus pode ser ultrapassado e sê-lo-á pela bondade fiel do Senhor. Sai-se do medo pela fé e a fé é já, de certo modo, a vitória antecipada sobre o medo, requerendo, contudo, que o crente se deixe conduzir pelo Senhor nos caminhos imprevisos que a vida lhe trará. No entanto, ninguém poderá fazer mal, nem o último mal da morte eterna, porque Deus está consigo: “Eu sei que o meu Redentor vive e prevalecerá, por fim, sobre o pó da terra; depois que a minha

pele se desprender na minha própria carne verei a Deus)." (Job 19, 25-26)

3. O MEDO NA PERSPETIVA DO NOVO TESTAMENTO

De modo semelhante, também o NT apresenta uma contínua exortação a não ter medo. São várias as passagens em que esse sentimento é detetado no coração do discípulo e alvo de uma palavra direta para expulsá-lo do coração e devolver o crente à experiência da confiança amorosa. Deus exorta Maria e José a não terem medo: "Não temas Maria, achaste graça diante de Deus." (Lc 1, 30) "José, não temas receber Maria." (Mt 1,20).

Jesus anima os discípulos a confrontarem o seu medo: "Porque tendes medo, homens fracos na fé?" (Mt 8,26) "Não tendes medo deles [dos que vos perseguirem], portanto." Não tendes medo dos que matam o corpo mas não podem matar a alma. Não tendes medo, pois valeis mais do que muitos pardais." (Mt 10, 26. 28. 31; // Lc 12,4)

No momento da transfiguração, quando a grandeza da visão se torna assustadora para os discípulos aí presentes, Jesus aproxima-se e diz-lhes: "Levantai-vos e não tendes medo." (Mt 17, 7) Diante da violenta tempestade sentida a bordo do barco no lago Tiberíades, Jesus interroga os discípulos: "E disse-lhes: "Porque estáveis com tanto medo? Ainda não tendes fé?" (Mc 4,40) A fé no Pai, na sua presença providente e protetora é a razão pela qual é possível não ter medo. A força do amor do Pai sobrepõe-se às formas criaturais, seja dos fenómenos da natureza seja do mal.

No chamado "discurso da despedida", do evangelho de João, estes apelos a não ter medo intensificam-se: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se perturbe nem se intimide o vosso coração." (Jo 14, 27) Face à iminência da paixão e da desorientação que Jesus sabe ir ser experimentada pelos seus discípulos, ele exorta-os a manterem a paz no coração, que é um outro modo de lhes recomendar que não temam ou não tenham medo.

"Isto vos mando: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. (Jo 15,12.)

Depois da ressurreição, continua o repto para que não tenhamos medo, quer pelo Cristo ressuscitado, quer pela comunidade apostólica que O anuncia e testemunha:

Uma expressão pós-pascal, equivalente a não ter medo: “A paz seja convosco. [...] Recebei o Espírito Santo.” (Jo 20, 21-22) A paz é a própria presença do Espírito do Senhor que reveste a interioridade do crente de força pela união a Deus na fé, na esperança e no amor. Será sempre a fé no Deus e é amor o meio pelo qual é possível ultrapassar e vencer toda a experiência humana de medo, inclusivamente qualquer tipo de medo de Deus. Assim sendo, provavelmente, a mais clara de todas as afirmações é a que João escreveu na sua primeira carta: “Deus é amor. Não há temor no amor, antes o perfeito amor lança fora o temor; ao contrário, porque o temor implica um castigo, e o que teme não chegou à perfeição do amor.” (1 Jo 4, 8.18)

Mas o próprio Jesus, que tanto nos disse para não termos medo, assumiu também o nosso medo e, fazendo-o Seu, abriu nele um caminho de encontro com Deus, quando a consciência da nossa fragilidade – e em última instância a morte – não pode ser evitada. Na sua paixão, começou a entristecer-se e a angustiar-se (cf. Mt 26, 38); “começou a apavorar-se” (Mc 14, 33; Lc 22,44).

Jesus sabe que a nossa condição é fraca diante do sofrimento, da violência e da morte. Experimentou que existem momentos e circunstâncias na nossa vida em que é inevitável sermos assaltados pelo medo. Contudo, depois de termos feito tudo o que podemos para reagir contra o medo que nos pode assaltar, é possível aprender com Jesus que é possível não ter medo de ter medo, ou seja, entregar-se com o medo e para além do medo. Tal como Ele fez a experiência do abandono e da confiança no Pai, para além do toda a sua angústia e pavor: “Faça-se a tua vontade” (Lc 22, 41) e “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23, 46).

4. O MEDO NO ITINERÁRIO ESPIRITUAL CRISTÃO

Se nos debruçarmos sobre a história da espiritualidade cristã e de algumas figuras relevantes, encontramos também a experiência do medo, identificada como tentação ou força contrária à confiança em

Deus, como experiência de desorientação ou bloqueio que o crente, sobretudo o místico, deverá aprender a reconhecer como prova ou tentação e desenvolver estratégias e práticas, ou seja hábitos, para não se deixar desorientar ou aprisionar por essa emoção.

Evágrio Pôntico, um monge do Egito que viveu por volta do séc. V, desenvolveu uma teoria do itinerário espiritual¹⁰ que consiste no desenvolvimento e prática de cinco virtudes principais (fé, temor de Deus, abstinência, perseverança, esperança e impassibilidade) e luta contra determinadas inclinações para vícios ou tentações que identifica como “demônios” que se introduzem no orante através dos pensamentos (*logismoi*) que inspiram: gula, fornicção, avareza, tristeza, cólera, acédia, vã glória e orgulho. Os pensamentos são determinantes na vida do monge porque não são inócuos ou inofensivos: eles condicionam a pessoa e conduzem-na à ação influenciada, através da influência que o conteúdo desses pensamentos exerce sobre a vontade e o agir humanos. Se alimentarmos estes pensamentos ou não os detetarmos e contrariarmos, acabaremos agindo e modificando a nossa vida não no sentido que o Espírito Santo indica, não segundo a vontade de Deus para nós, mas justamente para o seu contrário. Nesta lista, o medo não parece diretamente citado. No entanto, um desses pensamentos – ou demônios – precisamente aquele que Evágrio considera o mais terrível, é o da *acédia*, termo específico cunhado por Evágrio que não tem tradução direta. Este demônio não ataca apenas uma ou outra parte da alma, mas a alma toda, no seu conjunto, por todas as partes, abafando mesmo o intelecto¹¹. Quem cai sob a tentação deste “pensamento” cai numa espécie de torpor ou paralisia espiritual. Isso explica que também seja designado por Evágrio como o “demônio do meio-dia”, hora do dia em que, no deserto, a força do calor é imensa, paralisante, e na qual este “pensamento” ataca prevalentemente o monge do deserto.

10 Cf. ÉVAGRE LE PONTIQUE, *Traité Pratique ou Le Moine*, introduction, édition critique du texte grec, traduction, commentaire et tables par Antoine et Claire Guillaumont, Tome I et II (Sources Chrétiennes 170 et 171), Cerf, Paris 1971.

11 Cf. A. GUILLAUMONT, “Étude historique et doctrinale”, in Évagre le Pontique, *Traité Pratique I*, 88s.

“O demônio da acédia (...) é o mais penível de todos; ataca o monge pela quarta hora [10h] e assalta a sua alma até à oitava hora (14h). De início faz com que o sol pareça lento a mover-se ou imóvel, e que o dia pareça ter cinquenta horas. Depois ele força-o a ter os olhos continuamente fixados nas janelas, a sair para fora da sua cela, a observar o sol para ver se está longe da nona hora (15h), e a olhar para aqui e para ali se algum dos seus irmãos... Por outro lado, inspira uma aversão ao lugar onde está, pelo seu próprio estado de vida, pelo trabalho manual, e mais ainda, a ideia que a caridade desapareceu dos irmãos, que não há ninguém para o consolar. E se acontece que alguém, por esses dias, contristou o monge, o demônio serve-se também disso para fazer crescer a sua aversão. Ele conduz então a desejar outros lugares, onde poderá encontrar facilmente aquilo de que tem necessidade e exercer um trabalho menos penível e que traga vantagens; acrescenta que agradar o Senhor não é uma questão de lugar: em todo o lado, com efeito, diz ele, a divindade pode ser adorada. Ele junta a isso a lembrança dos seus próximos e da sua existência de outrora, e representa-lhe quão longa é a duração da vida, pondo diante dos seus olhos as fadigas da ascese; e, como se diz, ele aponta todas as baterias para que o monge abandone a sua cela e fuja do seu estado. Este demônio não é seguido imediatamente por nenhum outro: um estado aprazível e uma alegria inefável sucederão na alma depois da luta.”¹²

Na atualidade não faltam autores que chamam a atenção para o facto da acédia não ser uma tentação exclusiva do mundo eremítico, monástico ou conventual. Ao contrário, é uma tentação que afeta cada vez mais o mundo contemporâneo¹³. Uma descrição concisa

12 Évagre le Pontique, *Traité Pratique*, Tome II, Cap. 12, 521-527.

13 Cf. Gabriel Bunge, *Akèdia. La doctrine spirituelle d'Évagre le Pontique sur l'acédie* (Spiritualité Orientale, n° 52), Éditions Abbaye de Bellefontaine, Bégrolles-em-Mauges, 1991, 34-37, 42-43. Cf. Jean-Charles Nault, *Le démon de midi: l'acédie, mal obscur de notre temps*, préface du Card. Marc Ouellet L'Echelle de Jacob, Dijon, 2013.

do estado daquele que se encontra tentado pela acédia poderá ser esta: “é uma certa atonia, uma espécie de queda de tensão das forças naturais da alma que tornam o homem incapaz de se defender contra os ‘pensamentos’ que o assaltam com veemência nesse momento.”¹⁴ Deste estado de falta de interesse ou relaxamento de ideais e comportamentos crentes e/ou monásticos, nascem outros sentimentos: vazio, aborrecimento, lassidão, desgosto, náusea (pelo seu estado de vida), incapacidade de fixar o espírito no que quer que seja, abatimento e ansiedade interior (do coração), entre outros. Como se vê, tem um vínculo estreito com a tristeza ou desânimo. Aquela leva a estes.

Que remédios oferece Evágrio ao monge que assim está afligido? Basicamente oferece-lhe cinco atitudes de remédio interior, das quais duas são especialmente importantes. O primeiro é chorar, reconhecer a sua aflição e impotência, diante do Senhor, orar a Deus para que venha em sua ajuda. O segundo é praticar a “higiene” de vida, ou seja, equilibrar o horário de oração, trabalho manual e descanso, para encontrar um equilíbrio também interior. O terceiro consiste em praticar o método antirrético – de contradição – isto é, aprender a “agir contra” a tentação, fazendo-lhe frente, agindo de modo contrário ao que ela sugere e recorrendo à oração através da Palavra de Deus, sobretudo recitando a oração de Jesus típica dos Padres do Deserto que consiste em repetir sem cessar o nome de Jesus, com a consciência que o seu nome é salvífico e significa “aquele que salva dos pecados”. O nome de Jesus, repetido com fé e confiança, produz, acreditam os padres do deserto, uma transformação interior no orante. O quarto remédio é pensar na morte, isto é, considerar como tudo é passageiro, como só Deus é definitivo e eterno. E alentar-se trazendo ao pensamento que eternidade é uma alegria e uma felicidade indizíveis e incompreensíveis agora, mas que suplantarão totalmente todos os sofrimentos e penas vividas neste mundo. Finalmente, o quinto e mais importante remédio de todos: permanecer, aguentar com confiança no seu posto, custe o que custar, porque depois da

14 Gabriel Bunge, *Akèdia*, 56.

tentação da acédia virá um estado de enorme alegria. A tentação há de terminar, tem um fim. Mas não tem a última palavra: no final virá a alegria de Deus, a alegria que é Deus no monge.

Exemplos mais recentes da provação do medo como elemento de tentação e parte do caminho espiritual podemos encontrá-los em algumas figuras muito conhecidas, nas quais não me irei deter, mas cujas vidas constituem para nós apoio e ânimo na medida em que, tendo também sido tentadas por várias formas de medo, conseguiram não lhe sucumbir mas fazer-lhe frente, assim ultrapassando-o, a partir de uma fé enraizada na certeza de que Deus vem libertar os seus amigos como palavra final: João da Cruz¹⁵, Teresa de Lisieux¹⁶, Edith Stein¹⁷, Óscar Romero¹⁸, Teresa de Calcutá¹⁹, etc. Medo e desânimo surgem com muitas variantes:

15 Cf. João da Cruz, *Noite Escura*, Livro II, Cap. 23, 4.

16 Cf. Teresa do Menino Jesus, “Manuscrito C”, in Teresa do Menino Jesus, *Obras completas: textos e últimas palavras*. Ed. Carmelo, Marco de Canaveses, 1996, 248-251.

17 A consciência de estar, como todos os judeus a viver na Alemanha nazi entre 1938 até 1944, na iminência de ser aprisionada e morta pelo regime de Adolf Hitler é o motivo que leva os seus superiores do Carmelo Descalço a pedirem a sua saída da Alemanha para o Carmelo de Echt, na Holanda e, uma vez invadida a Holanda pelas tropas de Hitler, a pedir a sua ida para o Carmelo de Pâquier, na Suíça, que foi aceite pelas Irmãs carmelitas suíças. O visto de saída, porém, não chegou a tempo de evitar a prisão de Edith, pois quando o documento chegou ao Carmelo de Echt, Edith já tinha sido levada por agentes da Gestapo, juntamente com a sua irmã Rosa. Cf. Edith Stein, *Obras Completas. Escritos Autobiográficos y Cartas*. Vol. I. Dir. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, Editorial Monte Carmelo - Ediciones El Carmen - Editorial de Espiritualidad, Burgos - Vitoria – Madrid, 2002.

18 Óscar Arnulfo Romero (1917-1980) foi um bispo da República de El Salvador, na América Latina. O regime militar de extrema-direita que governava o país na altura em que ele exercia o ministério episcopal perseguia, aterrorizava, raptava e matava, através de “esquadrões da morte”, todos os opositores do regime e aqueles que denunciavam as suas atrocidades contra os direitos humanos, como foi o caso de Óscar Romero. Foi assassinado, enquanto celebrava missa na capela do Hospital da Divina Providência, por um atirador que chegou num carro que se imobilizou diante da porta aberta da capela, e disparou daí sobre o bispo que estava diante do altar. Foi canonizado pelo Papa Francisco em 12 de outubro de 2018.

19 Ver, entre outras passagens: Madre Teresa, *Ven, sé Mi luz. Las cartas privadas de “la Santa de Calcuta”*. Edición y comentarios de Brian Kolodiejchuck, Planeta, Barcelona, 2008, 238-240.

medo da vida não ter sentido, de estar a perder o seu tempo, de Deus não querer saber de si, medo de não conseguir suportar as exigências da sua vocação cristã ou consagrada, de Deus o ter abandonado ou vir a ser condenado ao inferno, medo de estar enganado na sua fé e Deus não existir nem isso que se chama o Céu e a glória (ter sido tudo uma grande ilusão), sobretudo para os consagrados, medo de não ter sido realmente chamado por Deus e não ter vocação, de não estar à altura da vocação ou de um dado ministério, medo de andar a enganar as pessoas falando ou pregando uma relação com Deus que não sente viva ou um Deus em não consegue sentir acreditar, medo de ser morto pelos que não querem ver as suas injustiças denunciadas, etc.

A única resposta digna de um orante fiel ao Espírito Santo é a resistência a estas tentações, mantendo-se fiel às grandes virtudes da fé, da esperança e da caridade, ainda que esta fidelidade não traga consigo a consolação sensível ou a cessação imediata destes medos tentadores. Trata-se do exercício do tema conhecido desde o século II, com Santo Antão, eremita do deserto do Egito, do *combate espiritual*. No final, dizem-nos todos os grandes espirituais, essa tentação será vencida pela fidelidade das virtudes teológicas.

5. O PAPA FRANCISCO NA JMJ 2023: UMA ESPIRITUALIDADE DOS RECOMEÇOS E DA ESPERANÇA

A leitura dos discursos do Papa Francisco a partir da chave de leitura “não tenhais medo” oferece-nos uma surpreendente mensagem – diria mesmo catequese — do sentido da esperança cristã e da ressurreição de Jesus como vitória contra todos os males e os medos da cultura contemporânea.

Subjaz a todas as suas intervenções papais uma linha condutora clara: a consciência do desalento e tristeza que os cristãos portugueses estavam (e ainda estão?) a viver, em grande parte como consequência dos casos conhecidos de abusos sexuais durante o ano de 2022-23. No entanto, as suas palavras não se reduzem ao contexto português. Elas têm aplicação em qualquer das sociedades contemporâneas.

Francisco evoca a passagem do evangelho de Lucas em que discípulos de Jesus, acabados de regressar de uma pesca sem sucesso, lavavam as redes, talvez com gestos cansados e automáticos (cf. Lc 5, 2). Lembra o cansaço psicológico e espiritual, por vezes crónico, que nos atinge para sugerir uma nova vinculação a Jesus:

“Às vezes podemos sentir um cansaço semelhante no nosso caminho eclesial. Cansaço. [...] O risco, porém, quando nos sentimos desanimados (cada um de vós pense em que momento sentiu o desânimo), o risco é *descer do barco*, acabando presos nas redes da resignação e do pessimismo. Ao contrário, confiemos que Jesus continua a tomar pela mão e a levantar a sua Esposa amada. Levemos ao Senhor as nossas canseiras e as nossas lágrimas, para poder enfrentar as situações pastorais e espirituais, dialogando entre nós com abertura de coração para experimentar novos caminhos a seguir. [...] No momento do desânimo, momento da «aposentação», deixemos Jesus subir novamente para o barco, com o entusiasmo da primeira vez, aquele entusiasmo que deve ser revivido, reconquistado, reeditado. Ele vem procurar-nos nas nossas solidões, nas nossas crises, para nos ajudar a recomeçar. A espiritualidade do recomeço. Não tenhais medo. A vida é assim: cair e recomeçar, aborrecer-se e recobrar a alegria.”²⁰

Este discurso salienta uma dimensão da vida extraordinariamente importante: as quedas e os fracassos, o medo deles e o medo, até, de ousar sair delas e confiar que é possível, depois de um fracasso existencial, encontrar um caminho de realização. Esta é uma atitude ou reação em que nós, portugueses, somos reconhecidamente deficitários: a psicologia e a espiritualidade dos recomeços após quedas, fracassos ou insucessos, superando-as com elementos inerentes à vida de modo a fazermos delas ocasião de aprendizagem. Tal requiere a perspetiva certa que é a de, recuperando a confiança

20 Francisco, “Vésperas com os Bispos, os Sacerdotes, os Diáconos, os Consagrados, as Consagradas, os Seminaristas e os Agentes da Pastoral, 2 agosto 2023”, in Francisco, *JMJ Lisboa 2023. Discursos e homilias*, Paulus-Paulinas, Lisboa, 2023, 14-15.

que o Senhor não nos abandonou quando caímos ou fracassamos de algum modo, nos perguntarmos acerca daquilo que aprendemos com essa experiência, o que o Senhor nos quis oferecer e nos quer propor, precisamente, porque passámos por essa experiência, que nos transformou, amadureceu, irmanou a todos os que caem.

Não ter medo das quedas da vida implica que elas fazem parte de todas as vidas e, por outro lado, reconhecer que Deus nos acompanha também em todas as quedas e que nos convida a sair delas, com ele, como experiência quotidiana de ressurreição.

Francisco continuou esta ideia na Vigília anterior ao dia final da JMJ 2023:

“Acham que uma pessoa que cai na vida, que tem um fracasso, que inclusive comete erros graves, fortes já está acabada? Não. O que é que se deve fazer? Levantar-se. [...] Os alpinistas que gostam de subir montanhas têm um ditado muito bonito que diz assim: Na arte de subir à montanha, o que importa não é não cair, mas sim não permanecer caído. [...] Deixo-vos com esta ideia, caminhem, e se caírem, levantem-se. Caminhem com um objetivo, treinem-se todos os dias da vida. Na vida nada é de graça, tudo se paga. Só há uma coisa de graça, o amor de Jesus. Por isso, com esta oferta que temos, o amor de Jesus, e com o desejo e a vontade de caminhar, caminhemos na esperança. Olhemos para as nossas raízes, sem medo, não tenham medo!”²¹

Na verdade, podemos levantar-nos porque é Jesus quem continuamente nos levanta e nos quer levantados. Porque “Jesus sempre nos chama de novo”²². Não se trata apenas de um segundo chamamento que Jesus faz aos consagrados, mas de ter presente o contínuo chamamento que Jesus nos faz: todos os dias nos chama de novo, se tivermos ouvidos para ouvir e o coração disponível para escutar. Como rezamos na Liturgia das Horas todas as madrugadas, no Salmo Invitatório “Quem dera ouvísseis hoje a

21 Francisco, “Vigília com os jovens, 5 agosto 2023” em Francisco, *JMJ Lisboa 2023*, 61-62.

22 Francisco, “Vésperas”, 16.

sua voz.” (SI 95, 8). Mas a questão é justamente esta: estaremos a dar-nos tempo e oportunidade para escutar o Senhor, no meio de tanto cansaço, tristeza, preocupações medos e rotinas? Por isso acrescenta Francisco: “Mas para ficarmos dia a dia no Senhor e na sua Palavra, não bastam palavras, é necessária muita oração. [...] Como rezo eu? Rezo? Como rezo? Apenas na adoração, só diante do Senhor, é que recuperaremos o gosto e a paixão pela evangelização”²³.

A partir daqui, o Papa confronta-nos com a necessidade de superar outro medo: o medo de não sermos aceites como somos na comunidade eclesial e fora dela se nos revelarmos exatamente como somos e, de modo correlativo, o medo de aceitarmos os que são diferentes de nós, que não pensam ou veem o mundo (e a Igreja) como nós. O desafio que Francisco nos propõe – porque é Jesus que no-lo propõe – é o de gerar “um clima de fraternidade construtiva”²⁴ onde nós entramos e somos aceites “com a nossa vida às costas, com os seus pecados, assim como é diante de Deus, como é diante da vida... Todos. Todos. Não levantemos alfândegas na Igreja. Todos.”²⁵

Eis um desafio a superarmos um grande medo atual: o de nos reconhecermos pecadores (e não substituir esta palavra por outra culturalmente mais aceitável): pois Jesus veio para os pecadores e para nós, pecadores, ressuscitou para construir uma vida nova também a partir destes nossos pecados e não dos que não temos. Mas este encontro com a misericórdia de Jesus implica acreditar na espiritualidade da transformação que o amor pode causar em nós e o amor misericordioso de Deus em particular.

Estas ideias clarificam-se noutra formulação da mesma mensagem, profundamente libertadora e fraterna, expressa no discurso de Acolhimento:

“somos chamados como somos, com os problemas que temos, com as limitações que temos, com a nossa alegria transbordante,

23 Francisco, “Vésperas”, 17-18.

24 Francisco, “Vésperas”, 21.

25 Francisco, “Vésperas”, 20.

com a nossa vontade de sermos melhores, com a nossa vontade de vencer. Somos chamados como somos. Pensai nisto: Jesus chama-me como eu sou, não como eu gostaria de ser.” [...] convido-vos a pensar nesta coisa maravilhosa: Deus *ama-nos!* Deus ama-nos *como somos*, não como gostaríamos de ser ou como a sociedade queria que fôssemos. Como somos! Chamam-nos com os defeitos que temos, com as limitações que temos e com a vontade que temos de avançar na vida. Deus chama-nos assim. Confiai, porque Deus é Pai e um Pai que nos quer bem, um Pai que nos ama. [...]. Não tenhais medo, tende coragem, continuai para diante, sabendo que, por «amortizador» das dificuldades, temos o amor que Deus nos tem. Deus ama-nos.”²⁶

No entanto, sabemos todos que há momentos em que não saímos de certas existências de sofrimento, de medo ou de isolamento, simplesmente por querer ou até por rezar. Esse é o momento de recordar que Filho de Deus, por amor de nós se fez um de nós e assumiu tudo o que a experiência da nossa vida humana comporta, incluindo as quedas, os fracassos, a solidão, os medos conscientes e os que nos assaltam das profundidades do nosso inconsciente. A solidão é, na relação com Cristo, também um lugar de encontro. Todas as solidões e mortes são habitadas por Cristo, que as assumiu e com elas se quis identificar. Isso nos lembrou Francisco:

“Jesus espera cumular, com a sua proximidade, a nossa solidão. Como são tristes os momentos de solidão! Neles está Jesus, Ele quer preencher tal solidão. Jesus quer preencher o nosso medo, o teu medo, o meu medo... esses medos obscuros quer preenchê-los com a sua consolação. Ele espera impelir-nos a abraçar o risco de amar. Porque, como sabeis (sabei-lo melhor do que eu), amar é arriscado. É preciso correr o risco de amar. É um risco, mas vale a pena corrê-lo; nisso, acompanha-nos Jesus. Sempre nos acompanha, sempre caminha; durante a vida, sempre está junto de nós. Não quero acrescentar mais

26 Francisco, “Cerimónia de Acolhimento, 3 agosto 2023”, em Francisco, *JMJ Lisboa 2023*, 44-45.

nada. Hoje faremos o caminho com Ele, o caminho do seu sofrimento, o caminho das nossas ansiedades, o caminho das nossas solidões. Agora, durante uns momentos, façamos silêncio e cada um de nós pense no próprio sofrimento, pense na própria ansiedade, pense nas próprias misérias. Não tenhais medo, pensai nisso e pensai também no desejo de que a alma volte a sorrir.”²⁷

CONCLUSÃO

Podemos concluir que Deus chama-nos com os medos que temos, para nos oferecer a possibilidade de reconhecer que podemos sair deles e encontrar um caminho de libertação e realização pessoal na experiência da comunhão com Jesus e com os irmãos. Não precisamos nem devemos pretender que não temos medos. Isso seria, de certa forma, trair a nossa condição e verdade. Antes podemos colocá-los, com paz, na relação com Jesus para que, com a certeza do seu amor por cada um de nós, esses medos sejam dissipados pela fé e a ação do Espírito Santo em nós e, em seu lugar, surja o ânimo e confiança comprometida com a transformação do mundo, para que nele surja uma experiência de realização humana profunda e integral. Por isso mesmo, o Papa Francisco pediu, na Universidade Católica Portuguesa, ao falar aos jovens universitários e ao corpo universitário em geral: “Tende a coragem de substituir os medos pelos sonhos: substituí os medos pelos sonhos, não sejais administradores de medos mas empreendedores de sonhos!”²⁸

É fundamental, então, fazer um exercício de escuta e de honestidade: sobre os medos que temos, sobre o modo como os colocamos na relação com Jesus e lhos entregamos, como estamos a construir ou a empreender os sonhos e os desejos profundos que nos habitam e onde também fala o Espírito de Jesus. Que aprendo dos meus medos? Como estou a tentar superá-los?

27 Francisco, “Via-sacra com os jovens, 4 agosto 2023”, em Francisco, *JMJ Lisboa 2023*, 55.

28 Francisco, “Encontro com os jovens universitários, 3 agosto 2023”, em Francisco, *JMJ Lisboa 2023*, 26.

Que transformações no mundo ousar fazer, unido a outros, em comunidade ou em grupo de amigos e pessoas de boa-vontade, para libertar o mundo de alguns dos medos que nos oprimem?

Éis um programa de oração, de conversão pessoal e comunitária, de reconciliação com a verdade de quem somos e de verdadeiro testemunho da ressurreição de Jesus que nos quer vivos e ressuscitados a partir da comunhão com Ele, o Ressuscitado por e para nós. No final da missa de envio das JMJ Lisboa 2023, Francisco deixou uma última mensagem, clara e próxima, como segredo último que nos entrega, quem sabe se pela última vez que nos visita:

“Queridos jovens, gostaria de poder fixar nos olhos a cada um de vós e dizer: não tenhas medo! Mas anuncio-vos algo muito mais belo: o próprio Jesus agora olha para vós, Ele que vos conhece e lê no vosso íntimo; olha para o vosso coração, conhece as alegrias e as tristezas, os êxitos e as derrotas. E Ele hoje diz-vos, aqui em Lisboa, nesta Jornada Mundial da Juventude: “Não temam! Não tenham medo! Animem-se!”²⁹ (Missa Final da JMJ2023)

Em definitiva, a nossa vocação não é à paralisia, ao desânimo, à indiferença ou ao medo face às injustiças, à violência, à guerra, à fome ou à morte.

Não é essa a nossa vocação cristã. A nossa vocação, o nosso chamamento é para a alegria indizível da comunhão com Deus. É essa a tarefa e o fim a que estamos chamados. Dedicemos tempo e energias a meditar nisto, a considerar isto, a respirar isto e a construir isto. É tragamos no nosso coração, ao modo da oração do coração os padres do deserto, a promessa de Jesus:

“No mundo tereis aflições, mas eu venci o mundo.” (Jo 16,33)
Não tenhamos medo de ter medo!

Termino com este texto inspirador e profundo de Dom Óscar Romero, que morreu assassinado pelas forças políticas que governavam El Salvador, na América Latina, em virtude dos

29 Francisco, “Missa para a Jornada Mundial da Juventude, 6 agosto 2023”, Francisco, *JMJ Lisboa 2023*, 66.

seus discursos condenando as práticas contra os direitos humanos perpetradas pelo governo militar que então governava o país, a 24 de março de 1980, enquanto celebrava a sua última eucaristia, já depois da homilia, quando estava, de pé, frente ao altar para começar a liturgia eucarística.

Lo que me va a pasar ahora no me importa;
ya Dios lo conoce. No tengamos miedo, hermanos.
Vivimos unas horas de difíciles vicisitudes.
No sabemos si esta misma tarde estaremos presos
o matados.

No sabemos qué van a hacer con nosotros las fuerzas del mal.
Pero una cosa sí sé,
que aun los desaparecidos,
aun aquellos que son llorados
 en el misterio de un secuestro,
Dios los conoce y los ama.

Y si Dios permite esas desapariciones,
no es porque él sea impotente.
Él me ama,
él sigue amando.
Él ama también nuestra historia
y sabe por dónde van a salir los caminos de redención
de nuestra patria.

No desconfiamos de esta gran verdad.
Éste es el verdadero tesoro del Reino de Dios:
 la esperanza, la fe, la oración,
 la fuerza íntima que me une con Dios.
Esto pidamos, hermanos.³⁰

30 de Julio de 1978

30 Óscar Romero, *La violencia del Amor*, The Bruderhof Foundation Inc., Farmington, PA, 2004, 72. Em linha. <https://servicioskoinonia.org/biblioteca/pastoral/RomeroBrockmanViolenciaDelAmor.pdf> (06/04/2024)

Bibliografia

FRANCISCO, JMJ Lisboa 2023. *Discursos e homilias*, Paulus-Paulinas, Lisboa, 2023.

ALEIXANDRE, Dolores, “El deseo y el miedo. Reflexiones desde la Biblia y desde la espiritualidad ignaciana”, *Manresa* 66 (1994) 121-130.

ANÓNIMO, “Fear” in *APA Dictionary of Psychology*. Em linha. <https://dictionary.apa.org/fear> (03/04/2024)

COSTACURTA, Bruna, *La vita minacciata. Il tema della paura nella bibbia ebraica*, Editrice Pontificio Istituto Biblico, Roma, 1988.

ÉVAGRE LE PONTIQUE, *Traité Pratique ou Le Moine*, introduction, édition critique du texte grec, traduction, commentaire et tables par Antoine et Claire Guillaumont, Tome I et II (Sources Chrétiennes 170 et 171), Cerf, Paris, 1971.

GALIMBERTI, Umberto, “Miedo”, in Umberto Galimberti, *Diccionario de Psicología*, Siglo XXI editores, Coyoacán (México) – Argentina, 2002. Em linha. https://biblioteca-digital.universidadcolumbia.edu.mx/acervo/CONSULTA/Galimberti_Umberto-Diccionario_De_Psicologia.pdf (03/04/2024)

JOÃO DA CRUZ, *Obras Completas*, Monte Carmelo, Aveiro, 1977.

MADRE TERESA, *Ven, sé Mi luz. Las cartas privadas de “la Santa de Calcuta”*. Edición y comentarios de Brian Kolodiejchuck, Planeta, Barcelona, 2008.

NAULT, Jean-Charles, *Le Démon de Midi : L'Acédie mal obscur de notre temps*, éditions de L'échelle de Jacob, Dijon, 2013.

ROMERO, Óscar, *La violencia del Amor*, The Bruderhof Foundation Inc., Farmington, PA, 2004. Em linha. <https://servicioskoinonia.org/biblioteca/pastoral/RomeroBrockmanViolenciaDelAmor.pdf> (6/4/2024)

STEIN, Edith, *Obras Completas. Escritos Autobiográficos y Cartas*. Vol. I. Dir. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, Editorial Monte Carmelo - Ediciones El Carmen - Editorial de Espiritualidad, Burgos - Vitoria – Madrid, 2002.

TERESA DO MENINO JESUS, *Obras completas: textos e últimas palavras*. Ed. Carmelo, Marco de Canaveses, 1996.

IGREJA: HINO À ALEGRIA

Fr. José Nunes

No seu primeiro texto programático – *A Alegria do Evangelho* (Evangelii Gaudium, 2013) – o Papa Francisco registou os muitos progressos históricos da humanidade, nomeadamente nos âmbitos da saúde, educação e comunicação (EG 52), mas assinalou também «alguns desafios do mundo actual»: o muito progresso nem sempre significa verdadeira felicidade, o sistema económico produz muitos pobres e excluídos, a idolatria do dinheiro, a violência e as guerras, a indiferença face aos verdadeiros valores, o individualismo que resulta em falta de solidariedade, o desrespeito pelas culturas de muitos povos (EG 53-75). Posteriormente, noutros dois textos muito importantes – *Laudato Sí* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020) – Francisco chamou também a atenção, de forma veemente, para a crise ambiental e a necessidade de preservação da ‘casa comum’, assim como para o perigo de políticas populistas e liberais: sempre e em qualquer caso são os mais pobres e fracos que sofrem com a degradação ecológica e com a política que não se baseia na ‘amizade social’.

Neste cenário, qualquer oferta de *alegria* é benvinda! Será que a Igreja está em condições de o fazer? A minha resposta é afirmativa e, daí, a própria sugestão do título desta reflexão: «Igreja: hino à alegria».

Não que o cristianismo ignore o sofrimento: a cruz de Jesus e as cruzes dos crucificados da História não lhe são indiferentes. Se o fizesse, seria uma Igreja capaz do maior cinismo, seria uma verdadeira obscenidade. O que o cristianismo não faz é a apologia do sofrimento! Por isso luta contra ele, justamente porque quer levar a alegria a tudo e todos. Assim, o sofrimento não é esquecido, mas não é exaltado como um bem ou fim em si mesmo. O Deus

de Jesus é o Deus da vida, da alegria, não do sacrifício ou do sofrimento.

1. CRISTIANISMO E IGREJA: UM CONTENCIOSO HISTÓRICO COM A ALEGRIA

Não podemos nem devemos ignorar, contudo, que houve um sério contencioso histórico entre a Igreja – configuração histórica da religião cristã – e a alegria.

A proibição de ler o livro do «*RISO*», de Aristóteles, na obra *O nome da rosa* (Umberto Eco), e que certamente muitos de nós lemos e recordamos, não é apenas o pretexto para uma trama literária policial: é o sinal de uma séria incompatibilidade, declarada pela Igreja, ao rir e à alegria, à festa como folia. E que razões podemos encontrar para tal?

Embora pudesse ser muito interessante desenvolver esta questão, amplamente estudada por inúmeros investigadores, apenas enumero sucintamente alguns motivos para esse contencioso, citando a José Rivair Macedo¹, o qual, aliás, também lembra outros pensadores:

É verdade que «fora da esfera da Igreja, as manifestações do riso sempre estiveram presentes, nas festas, nos textos cômicos, composições musicais e imagens da cultura laica» (...) ² mas «no período medieval, o fenómeno da risibilidade era encarado sob um prisma eminentemente moral e sua condenação» (...) «A ideia de que Cristo jamais riu, defendida por certos pensadores cristãos do início da Idade Média, como João Crisóstomo, no século V, e Jonas de Orléans, no século IX, tinha a finalidade de mostrar que a renúncia aos prazeres mundanos era uma necessidade (...) A ênfase do discurso oficial cristão incidia na alma e sua necessária salvação, enquanto a comicidade e o riso enfatizavam a materialidade do corpo. Assim, contrariando os preceitos da renúncia, da ascese e da culpa, as manifestações de vitalidade e alegria da cultura popular medieval, sempre aberta à fantasia e evasão, ao prazer e à festividade, indica-nos que já naquele momento o riso era um

1 Unisinos on-line, Ed.367, 27 de Junho 2011

2 Lembremos, aliás, as 'leestas dos loucos' e os 'carnavais', que coexistiam com a Quaresma que se lhes seguia.

veículo de expressão da liberdade (...) Na arte religiosa oficial, inscrita na estatuária das catedrais, na iluminação dos manuscritos ou na pintura mural dos frescos, as cenas risíveis em geral estão associadas com o demônio, que, invariavelmente, se mostra rindo. A gargalhada, expressão do excesso, da desmesura, continuou sempre a ser um gesto com conotação demoníaca, como bem lembrava São Bernardo de Claraval em 1125 no *Liber de gradibus humilitatis et superbia* (...) Num conhecido estudo de 1855 a respeito do significado da caricatura, Charles Baudelaire reconhecia no riso um caráter demoníaco, no sentido de que sua manifestação franca representava sempre uma ameaça. O riso rebaixa, denuncia, ridiculariza a seriedade do poder, a grandiloquência dos poderosos, reduzindo-os através da caricatura. Contém algo de ameaçador, de perigoso, de tentador, de satânico. Nas palavras de Baudelaire: “O sábio treme por ter rido; o sábio teme o riso assim como teme os espetáculos mundanos, a concupiscência. Ele se detém à beira do riso assim como à beira da tentação”».

De resto, não esqueçamos o que já a Regra de São Bento, no sec.V, determinava: «o décimo grau da humildade consiste em que não seja o monge fácil e pronto ao riso, porque está escrito: “o estulto eleva a sua voz quando ri”(Ecl.21,23)» e «o undécimo grau da humildade consiste em, quando falar, fazê-lo o monge suavemente e sem riso, humildemente e com gravidade». Tão pouco esqueçamos, por exemplo, as admoestações das Primitivas Constituições da Ordem dos Pregadores (1228): «não rir no coro nem fazer rir os demais», «não rir dissolutamente às gargalhadas ou provocar, com piadas, fitos ou factos, o riso dos outros».

Assim, e resumindo, a alegria e o riso:

- têm algo de satânico
- desafiam todo o poder (por isso, também da hierarquia eclesiástica)
- estão ausentes na pessoa de Jesus
- referem-se aos prazeres mundanos e não aos interesses espirituais da alma (o que é reforçado por uma filosofia dualista)

- são estranhos às teologias que exaltam o sacrifício e o sofrimento, necessários para a salvação.

2. UM INFELIZ MAL-ENTENDIDO

Mas o meu propósito, nesta reflexão, não é propriamente o explorar as razões históricas do divórcio entre o cristianismo e a sua configuração histórica (a Igreja) com a alegria. O meu propósito é declarar tal divórcio como um infeliz mal-entendido, e mostrar como o cristianismo é uma *religião da alegria*! Neste sentido, e no seguimento da perspectiva do Sínodo de 2012 sobre a Nova Evangelização³, o Papa Francisco lançou-se numa impressionante tarefa de anúncio de um cristianismo de alegria e num convite e desafio a uma praxis e testemunho eclesial de alegria. E daí os escritos «Alegria do Evangelho», «Alegria do Amor», «Alegria da Verdade», assim como as múltiplas catequeses e audiências no Vaticano sobre a Alegria.

Dizia Nietzsche que «o cristianismo seria muito mais credível se os cristãos vivessem em alegria». É justamente essa credibilidade do cristianismo que o Papa Francisco busca, não por estratégia, mas por fidelidade à sua essência: «O Evangelho não é uma ideologia: o Evangelho é um anúncio de Alegria»⁴.

3. A BÍBLIA, JÁ NO A.T., TESTEMUNHA UM DEUS DE ALEGRIA

Há de facto, na Bíblia, um fio condutor que afirma a crença e revela um Deus de Alegria. Eis apenas alguns tópicos:

- logo na Criação, a oferta de um Paraíso
- com Abraão, a dádiva de um filho Isaac (palavra que significa *riso* – a alegria do filho mais do que o riso desconfiado de Sara...) e a poupança da sua vida
- «o que habita nos Céus, sorri» (Sl. 2)

3 Os *Lineamenta* de preparação do Sínodo, publicados em 2-2-2011, afirmam, nos nn 24-25, que a evangelização é essencialmente proclamação e oferta de libertação, alegria e esperança.

4 Audiência Geral de 15 de Novembro de 2023.

- «A Sabedoria Divina está constantemente a brincar: a brincar na terra e a alegrar-se com os homens» (Prov. 8,30-31)
- «A alegria de Deus é a nossa fortaleza» (Ne. 8,10)

E, por isso... «Alegrai-vos no Senhor, louvai o Senhor com cítaras e poemas, com a harpa das dez cordas louvai o Senhor; cantai-lhe um cântico novo, tocai e dançai com arte por entre aclamações» (Sl. 33).

4. A ALEGRIA EM JESUS E NO NT

Ultimamente, este tema tem sido muito estudado. Lembremos, como exemplo, as obras de Elton Trueblood (1975) – *O humor de Cristo* – ou de Earl Palmer (2001) – *O humor de Jesus: fontes do riso na Bíblia*. E também, entre nós, mais recentemente, as contribuições de Tolentino Mendonça – *O bom humor de Deus*⁵, e Anselmo Borges – *O humor, o riso e o divino*⁶. A respeito destes títulos, valeria a pena, contudo, fazer uma advertência: o humor pode ser entendido como um estado de alma mais passageiro e superficial... a alegria é algo de mais profundo e estável e, dum ponto de vista cristão, é a presença mesma de Deus em nós!

Nos evangelhos, temos duas passagens em que se refere que Jesus chorou: aquando da morte do seu amigo Lázaro (Jo.11,35) e na contemplação da cidade de Jerusalém, pensando na sua futura destruição (Luc.19,41). É certo que não encontramos nos escritos neo-testamentários qualquer referência ao riso de Jesus (embora tal seja crível – São Tomás de Aquino, por exemplo, disse que Jesus teve de rir, necessariamente, pois foi inteiramente homem, e o riso é característica essencial do ser humano); mas a presença da alegria e da festa na vida de Jesus é inquestionável. De facto, Ele, «possuído pelo Espírito Santo, estremeceu de alegria» (Luc.10,21); participou em banquetes e festas (cfr, por exemplo, Mt.11,18s); diferia de João Baptista, que era austero e jejuava, enquanto o Filho do Homem era apelidado de «comilão e bebedor»

5 Conferência no Mosteiro das Monjas Dominicanas do Lumiar, 9-9-2009.

6 DN, 8-7-2022.

(Luc.7,34); acompanhou o cortejo festivo da entrada em Jerusalém (Mc.11,7-9); etc.

Além disso, Jesus oferece-nos e elogia a alegria:

- Jesus veio ao mundo para fazer nascer a alegria – Luc.2,10...
- Jesus quer que tenhamos vida e vida em abundância – Jo.10,10
- Jesus vive em nós para que tenhamos a alegria, e a alegria completa – Jo,15,11;17,13; IJo.1,4
- Jesus conta 3 parábolas, em Luc.15, que terminam em alegria – essa é, de facto, a vontade de Jesus
- A ressurreição significa explosão de alegria – Mt.28,8; Luc.24,41; Jo.20,20.

Diga-se, entretanto, que a alegria não elimina, como que por magia ou milagre, a realidade da dor e do sofrimento, e o por vezes necessário assumir do sacrifício. Aliás, a realidade cruenta da morte de Jesus na cruz é o melhor exemplo do que se acaba de afirmar. Mas também aqui seria necessário ‘purificar’ alguma teologia e mentalidade que fazem a apologia da indispensável ‘bondade e beleza’ do sofrimento e do sacrifício, e que conduziram ao erguer heróico da bandeira do dolorismo! De facto, a recuperação histórica da morte de Jesus na cruz, não como uma iniciativa e escolha do próprio Jesus, mas como resultado de um conflito que culmina em perseguição, condenação e assassinato, conduzirá à superação de uma teologia e espiritualidade doloristas, de apologia do sacrifício e sofrimento como fins e bens em si mesmos, esquecendo a primazia da vontade de Deus: a alegria.

A alegria é, pois, afinal, um autêntico dom-fruto do Espírito Santo! Já assim Jesus o experimentara na sua oração de louvor (Luc.10,21), e S.Paulo dele testemunhou em inúmeras ocasiões: dentro da lista dos frutos do Espírito em nós, a alegria aparece logo em segundo lugar, imediatamente a seguir à caridade e antes da paz (Gal.5,22) e daí o insistente convite ao dar graças e ao «alegrai-vos, alegrai-vos» (Fil.3,1; 4,4; ITess.5,16).

5. IGREJA: HINO À ALEGRIA VIVÊNCIA E PRAXIS PASTORAL

O desafio da Igreja à alegria é duplo: esta tem de estar presente na sua vivência interna e também no seu compromisso com o mundo. Estes dois aspectos – alegria *ad intra* e *ad extra* – estão bem patentes logo no início da *Evangelii Gaudium* (nº1): «A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo renasce sem cessar a alegria (...) convido os fiéis para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria».

a) Igreja: vivência da alegria e celebração da festa

- A Alegria não elimina a realidade da dor e do sofrimento, mas permite e convida ao abandono e confiança em Deus, à esperança.
- A Alegria desafia a um compromisso: «Não permitais que neste dia sejamos motivo de tristeza para ninguém, mas causa de alegria para todos quantos nos rodeiam».
- A Alegria pede a celebração litúrgica festiva, onde a beleza há-de estar presente.

b) Igreja: uma praxis pastoral de anúncio da Alegria

«Consequentemente, um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral. Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, «a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! (...) E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo» (EG 1).

E essa evangelização-comunicação de alegria passará certamente por:

- catequeses, homilias, teologias «positivas»: não condenatórias nem anunciadoras de infernos.

- empenho social na libertação dos crucificados da história, levando e possibilitando a alegria aos oprimidos.
- consolação dos que precisam de ser consolados (cfr II Cor. 1).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E DUAS ORAÇÕES

De tudo o que foi dito, poderíamos concluir:

- A ALEGRIA nasce da confiança e esperança
- A ALEGRIA não é algo superficial, exterior
- A ALEGRIA SUPERA A TRISTEZA: a tristeza é uma paixão que destrói a vida, a essência da vida, a força vital que há em nós, o Espírito Santo de Deus que habita em nós. Como muito bem escreveu S.Tomás de Aquino: «A tristeza é, entre todas as paixões, a que mais dano causa ao corpo. Justamente porque a tristeza se opõe à vida humana quanto ao seu movimento (isto é, quanto ao movimento que a alma lhe imprime)» (Suma Teológica, I-II,37).
- A ALEGRIA é, afinal, a vontade de Deus para todo o ser humano. Como escreveu S.Ireneu de Lyon: «A GLÓRIA DE DEUS É O HOMEM VIVO»!

Oração de São Thomas More:

«Senhor, dá-me senso de humor, dá-me a graça de entender uma piada, para que eu possa ter um pouco de alegria nesta vida e partilhá-la com outros».

Oração de fr. José Augusto Mourão, OP:

«Visite-nos, Senhor, a Tua alegria.

Seja ela o dom que sustém
esta hora da nossa vida.

Tenha o poder de
reedificar a Esperança,
de vencer a tristeza
ou o cansaço.

Perfume cada um dos gestos
com a primavera dos frutos
e traga às nossas palavras a Luz».

COMO PODE S. DOMINGOS INSPIRAR A VIDA DA NOSSA COMUNIDADE PAROQUIAL?

Frei Bento Domingues

1. Ao dar forma escrita à Conferência *Como pode S. Domingos inspirar a vida da nossa comunidade paroquial?* (27.05.2024), é preciso ter em conta, não apenas a história de S. Domingos (1170-1221) e dos problemas do seu tempo, mas as escolhas de vida cristã – femininas e masculinas – que constituem o seu carisma original de muitos carismas. Este carisma foi vivido de formas muito diversas ao longo da história da Ordem dos Pregadores.

A Fundação desta Ordem não foi só obra de S. Domingos, porque ele mesmo se demitiu no primeiro Capítulo Geral. Em 1221, em Bolonha, realizou-se o primeiro Capítulo Geral da Ordem, na qual foram aprovadas as primeiras regras de funcionamento, estabelecendo-se como a primeira ordem de cariz democrático, uma vez que, para o desempenho de todos os cargos, do mais fundamental (Mestre geral) ao mais restrito, sempre se exige a respectiva eleição. «O que diz respeito a todos deve ser tratado por todos».

Desta forma, a Ordem dos Pregadores – de femininas e masculinos – não é fruto do capricho ou de um carisma individualista. Por outro lado, S. Domingos não concebeu o seu projecto em rebelião contra a Igreja do seu tempo – mas in medio Ecclesiae – que ele procurou reformar, de modo que a Ordem dos Pregadores é um atrevimento. Até ele, a Ordem dos Pregadores era a *Ordem dos Bispos*, daí, a dificuldade em designar este carisma, porque era vista como uma usurpação episcopal. A própria Cúria Romana ajudou a vencer esta dificuldade. Pediu a S. Domingos e aos seus primeiros companheiros que escolhessem uma Regra já aceite na Igreja. Esta escolha recaiu

na Regra de Santo Agostinho. Aliás, S. Domingos não aceitou, sem mais, a designação aprovada pela Cúria – *Fratres Praedicanter* – mas *Fratres Praedicatores*, isto é, a sua vocação, na Igreja, não é de pregadores eventuais, mas daqueles cujo o ofício é a pregação sobre todas as suas formas. A Pregação não é, por isso, uma actividade esporádica. Na Bula que veio de Roma escrevia-se *Praedicanter*. S. Domingos não aceitou esta fórmula. A Bula foi raspada para mudar a palavra *Praedicanter* por *Praedicatores*.

2. Ao reescrever esta conferência, alegra-me a *Carta do Papa Francisco aos Párocos* (02.05.2024). Segundo esta Carta, o núcleo mais autêntico de uma Paróquia é *anunciar a Palavra e reunir a comunidade na fracção do pão*. Esta expressão parece-me absolutamente exacta e muito dominicana. A pergunta a fazer é esta: o que é que se entende por *anunciar a palavra e reunir a comunidade na fracção do pão*?

O perigo que existe, nestas expressões lapidares, é a de funcionar como fórmulas mágicas. O Papa diz muito bem: pregar e reunir comunidades na fracção do pão. Como é que isto se faz?

Em primeiro lugar, é preciso praticar o sentido do tempo e do lugar. É a própria natureza da autenticidade cristã que exige esta fidelidade à Encarnação do Verbo de Deus. O Prólogo ao Evangelho de S. João marca estes dois aspectos: Deus que vem ao nosso encontro, na nossa realidade concreta: *O Verbo se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1, 14).

A Paróquia não é uma criação dominicana. Como tornar dominicana uma Paróquia?

Por um lado, o acento todo é na graça da pregação – dom de Deus – mas não dispensa os recursos humanos obtidos pelo *estudo*. *Nem a pregação sem a graça da pregação, nem graça da pregação sem estudo*.

O que é que pretendia, São Domingos, ao fundar a Ordem dos Pregadores? Não se diz em lado nenhum que foi para fundar Paróquias. Mas as Paróquias precisam da Pregação para não se tornarem «uma simples administração paroquial».

Tornar dominicana uma Paróquia significa que todas as suas

realizações se destinam à descoberta da graça da pregação. Exige uma atenção especial à realidade em que está inserida, mas com o objectivo de tornar *pregadora* essa Paróquia. Poder-se-ia dizer que esse deve ser o objectivo de toda a sua actividade. A vida sacramental e devocional de uma Paróquia não pode ser uma administração ritualista. Não se trata de uma *administração dos sacramentos*, mas da sua realização cristã. Se procurar ser dominicana, tem de dar o primado absoluto à evangelização. É para esta que existe a graça da pregação e os esforços humanos para lhe abrir novas perspectivas.

3. Importa fazer uma revisão da história das Irmãs e Irmãos Pregadores. Não se pode fixar apenas os momentos mais gloriosos e criativos. É importante conhecer bem as traições à inspiração de Domingos, ao longo do tempo e já é um tempo razoavelmente longo. Uma das características de S. Domingos é, precisamente, a sua capacidade de inovar, de fazer o que nunca tinha sido feito.

Para responder como S. Domingos pode inspirar a nossa comunidade paroquial, seria importante conhecer bem o âmbito desta Paróquia. A geografia e a história desta porção da Igreja é a de uma comunidade humanamente envelhecida. No entanto, uma Paróquia, hoje, não está colada a um tempo e a um lugar. Deve tornar-se, pela sua qualidade humana e cristã, um lugar de atracção das pessoas que andam à procura de um sentido que vença a rotina. O que S. Domingos pode inspirar a esta Paróquia é a capacidade de criação e de renovação. Porquê? Porque não se pode esquecer que foi para fazer existir o que não existia, ou existia mal, que S. Domingos contribuiu para fundar a Ordem dos Pregadores. Não foi para dar continuidade a algo que já existia, mas para conseguir um caminho novo, uma palavra nova.

Sem a graça da pregação e sem a resposta a esta graça, S. Domingos seria traído. Para a Paróquia não trair S. Domingos, é preciso escutar as múltiplas experiências, ao longo da história, e a sua implantação em diversos continentes. Isto exige, não só a resposta à graça da pregação, mas, como já referimos, cada Paróquia deve constituir um Centro de Estudos, segundo as características de cada tempo e lugar, que provoque o gosto sempre renovado do estudo. Sem estudo, S.

Domingos não pode inspirar nenhuma comunidade.
Não é preciso dizer que esta conferência não passa de uma breve introdução a um tema muito vasto: o de combinar a graça da pregação com o estudo sempre a renovar.
Esta é a minha sugestão.

Bibliografia:

Humberto de Romans, O.P., *A Pregação*, Tenacitas / Biblioteca Dominicana, 2012

Timothy Radcliffe et Lucette Verboven, *La voie dominicaine*, Bayard 2012

VV.AA, *Courants dominicains de spiritualité*, Cerf, Paris, 1993. Ver, *La Prédication: un Office avantageux*, pp.141-147

Guy Bedouelle, *Dominique ou la Grâce de la Parole*, Fayard-Mame, 1987

Frei Bento Domingues, O.P., *O Convento, a Cidade, a Itinerância: a Espiritualidade do Convento na Ordem dos Pregadores*, in *Conversas à volta dos conventos*, Casa do Sul Editora, 2002, pp. 15-24

Carta do Santo Padre Francisco aos Párcos (02.05.2024), www.vatican.va

RECENSÕES

Rui Manuel Grácio das Neves, **Filosofia da Vivência Holística**, Venda do Pinheiro: Ed. Oficina de Artes Gráficas da Comunidade Vida e Paz, 2024.

Gonçalo Pereira Diniz

A obra em apreço, da autoria do frei Rui Grácio, op, é uma tradução portuguesa da sua tese de Doutoramento, originalmente escrita em castelhano, defendida no ano de 2005, na Universidade Centro Americana (UCA) de San Salvador, El Salvador. Trata-se de uma tese de Doutoramento em Filosofia, na “Cátedra de Filosofia Iberoamericana” da UCA, “José Simeón Cañas”, dos Padres Jesuítas. A tese está dedicada à memória de Mons. Óscar Arnulfo Romero – entretanto canonizado – o Bispo-mártir de El Salvador, brutalmente assassinado em 24 de Março de 1980.

É costume dizer-se que a recensão crítica de um livro deverá ter por objecto de análise o texto e não o seu autor. Contudo, será sempre muito difícil integrar e processar os conteúdos de uma obra literária sem ter um mínimo de noção do autor e do seu percurso de vida. Afinal, ler um livro é dialogar com o seu autor.

O frei Rui Grácio, na abertura do seu livro, avança com uma definição – ainda que “provisória”, como o próprio faz questão de referir – do “Holismo”, como “Aquele modo de pensar que enfatiza a prioridade do todo sobre as ‘partes’ ou também como: Aquele modelo de investigação que procura acima de tudo as totalidades e as suas interconexões, mais que o específico de cada uma das suas partes”¹.

Ora, o percurso de vida académico e apostólico do frei Rui enxerta-se plenamente neste espírito verdadeiramente “universitário” (“*universitas*”, estudos gerais, universalidade). Filho de São Domingos e sacerdote Zen, o frei Rui é detentor de três doutoramentos,

1 Rui Manuel Grácio das Neves, *Filosofia da Vivência Holística*, p.10.

em Teologia, Filosofia e Sociologia, respectivamente. Com vários livros publicados, destacou-se ainda pelo seu trabalho pastoral em Espanha, Brasil, América Central, Índia e, mais recentemente, em Portugal. Nesta obra está, pois, em causa, um edifício literário profundamente vivido e celebrado... em modo holístico.

Passando doravante ao texto, mais directamente, começaremos por observar que se trata de uma obra de carácter marcadamente académico, com centenas de citações, o próprio volume da obra também aponta nesse sentido (aproximadamente 500 páginas), a natureza técnica de muitos temas tratados, ou, então, a análise exaustiva de categorias de pensamento, ideias e intuições de uma enorme plêiade de filósofos e teólogos das mais diversas tendências, tempos e culturas (africanas, sul-americanas, orientais, ocidentais, obras clássicas e contemporâneas...), num esforço verdadeiramente enciclopédico.

Na ‘Introdução’, anuncia-se o desafio de uma “mudança de paradigma” que o Holismo poderá proporcionar. Evocando o contributo de Marilyn Ferguson, numa obra famosa de 1980, onde afirmava que “Tudo poderia ser de outra maneira”, pretende o autor romper com aquilo que vê como o padrão cultural e de pensamento predominante: o “pensamento globalizador-neoliberal”².

Este paradigma sistémico encerra em si mesmo uma aparente totalidade, mas, na realidade, revela-se excludente de toda a Humanidade. Frente a este paradigma, o autor propõe, alternativamente, o Holismo, que se assume como um modelo total (mas não totalitário) e inclusivo, uma inclusão na diversidade. Consequentemente, o Holismo assume-se, marcadamente, como uma realidade intercultural e mesmo transcultural. A este respeito, são sugeridos dois exemplos de ciências tipicamente holísticas, a saber: a Ecologia e a Medicina holística.

O capítulo 3 do livro (‘Questões epistémico-metodológicas’) visa desconstruir o paradigma da globalização neoliberal, tema ao qual

2 Cf. Rui Manuel Grácio das Neves, *Filosofia da Vivência Holística*, p.15. Ver, também, Marilyn Ferguson, *The Aquarian Conspiracy. Personal and Social Transformation in the 1980's*. L.A.: J.P. Tarcher, 1980.

o autor já há muitos anos dedicava a sua reflexão³. Com este fim, o autor distingue e aborda seis problemas epistemológicos, a saber: a amplitude da investigação; a fundamentação filosófica; uma filosofia “negativa”; a Mística vs a Filosofia; um novo paradigma; e, a interculturalidade.

No âmbito das questões metodológicas, o autor é claro: o problema fundamental que pretende abordar na sua tese é a “fundamentação filosófica da vivência holística”; a dimensão espacial é na América-Latina e Caraíbas, em tempos de globalização neoliberal; a justificação prende-se com a necessidade de uma “globalização da solidariedade”, para a qual o Holismo se apresenta como um instrumento filosófico e espiritual particularmente apto e capaz; por fim, os objectivos poderão ser sintetizados na apresentação da fundamentação filosófica do Holismo e na sua interconexão com outras espiritualidades presentes na América Latina e Caribe, o que é desenvolvido nos capítulos seguintes⁴.

O capítulo 4 do livro (‘A globalização neoliberal e a sua filosofia’) inicia-se com uma citação de Eduardo Galeano, que é rematada pela seguinte afirmação acerca do sistema económico hegemónico em que vivemos: “As pessoas estão ao serviço das coisas”⁵. A este respeito, não podemos deixar de evocar Gustavo Gutiérrez, que dizia, famosamente, e aqui citamos de cor: “(Neste sistema) Importa mais o produto do trabalho do que a pessoa do trabalhador”.

A globalização que tem vingado é a da economia industrial e comercial – ao nível da produção e do livre fluxo de bens materiais e serviços – assim como a globalização do capital financeiro, mas, infelizmente, de pouco mais. Os direitos sociais, culturais e ecológicos, o acesso à formação espiritual e intelectual, uma economia com rosto humano, entre muitos outros aspectos, têm passado ao lado da agenda da globalização.

3 A título de exemplo, veja-se o seguinte artigo de frei Rui Grácio em: AA.VV., “Globalización, neoliberalismo y resistencia”. In *Alternativas*, revista de análisis y reflexión teológica. Ano 4, nº7. Manágua: Editorial LasCasiana, 1996.

4 Ver Rui Manuel Grácio das Neves, *Filosofia da Vivência Holística*, pp. 51.53.

5 Ver Rui Manuel Grácio das Neves, *Filosofia da Vivência Holística*, p.63.

Como seria expectável, o autor é muito crítico com este afunilamento da globalização neoliberal e da sua filosofia profundamente individualista, fundada – sob a roupagem da democracia e da liberdade – no interesse próprio e na cobiça. Pena que então (2005) ainda não se conhecesse a dinâmica da *Economy of Francesco* (EOF), apadrinhada, entretanto, pelo Papa Francisco...

O capítulo 5 do livro ('O que é o Holismo?') e o capítulo 6 do livro ('Uma proposta de fundamentação filosófica do Holismo') poderão, com proveito, ser considerados conjuntamente.

O Holismo é aqui apresentado como uma filosofia e um modo de vida alternativo ao paradigma da globalização neoliberal. Um ponto de partida reconhecido como muito importante é a da disponibilidade pessoal de cada um para acolher os outros, e, subentende-se, o Outro, o que implica uma libertação da “substantivização do Eu”, i.e., o conjunto de padrões culturais recebidos e enraizados no próprio sujeito, muitas vezes acriticamente, com preconceitos e ideias feitas que distorcem uma visão mais transparente e equitativa da Realidade. A “substantivização do Eu” desemboca na ignorância⁶.

Por fim, entre outras teses para a fundamentação filosófica do Holismo apresentadas pelo autor, destacaríamos, como mais impressivas, a da Realidade como um Todo fluente e dinâmico, e a interconectividade absoluta, de que é exemplo o paradigma ecológico.

No capítulo 7 do livro ('Crítica do Holismo'), o autor apresenta o tema através do género dialógico, lembrando, de certo modo, a técnica da maiêutica socrática. É um género apazível e criativo, certamente, mas que destoa um pouco em relação à organização sistemática rigorosa até então seguida (e, depois, novamente retomada), donde resulta, formalmente, um “enxerto” literário, que, pelo menos à primeira vista, parece ferir um pouco a coesão interna do livro.

Em termos de conteúdo, trata-se de um capítulo complementar ao anterior. Se no capítulo anterior (capítulo 6) se privilegia o modelo

6 Ver Rui Manuel Grácio das Neves, *Filosofia da Vivência Holística*, p.109.

teórico do Holismo, agora sublinha-se o aspecto argumentativo, com a exposição do Holismo à análise crítica, assim como, em sentido inverso, se apresenta a sua crítica ao universo simbólico da globalização neoliberal.

O capítulo 8 do livro ('O Holismo nas espiritualidades latino-americana-caribenha') encontra-se claramente enriquecido com o *insight* que o autor tem sobre os temas principais da Teologia da Libertação, mormente a superação do dualismo (ainda que este possa assumir várias dimensões) e a Ecologia, tema também acolhido pelos teólogos da libertação, ainda que mais tardiamente.

No âmbito do combate ao dualismo empreendido pelos teólogos da libertação, não será demais recordar, uma vez mais, o testemunho de Gustavo Gutiérrez, que não cessava de recordar que a Salvação se dá na história humana, que o Evangelho tem que ser incarnado, e que o Reino, não se confundindo com este mundo passageiro, deve ser sinalizado e construído, aqui e agora, pelos que se dizem cristãos.

No respeitante à Ecologia, o frei Rui Grácio sublinha, de modo muito feliz, o quanto esta ciência holística deve à espiritualidade ancestral dos povos nativos do Continente Americano. Trata-se de um tema que, por si só, seria certamente merecedor de uma nova e exclusiva dissertação.

Em síntese, trata-se de um livro altamente recomendável e de grande actualidade, sem prejuízo da complexidade do tema.

A FR. Bento Domingues, ***Fora do Diálogo não há Salvação***, Ed. Círculo de Leitores (Temas e Debates), Lisboa 2024.

Ir. Maria Julieta, rscm

Esta obra reúne textos de Frei Bento Domingues, O.P., publicados pela *Reflexão Cristã, Boletim do Centro de Reflexão Cristã (CRC)*, entre 1976-2020 e dos *Cadernos de Estudos Africanos (1988-1989)*, também do CRC. O último texto é a transcrição de uma entrevista a Frei Bento, realizada por Alex Villas Boas e Inês Espada Vieira, em Maio 2022. A coordenação deste livro pertence a João Miguel Almeida, Alfredo Teixeira e Helena Topa Valentim.

Edward Schillebeeckx, O.P. (1914-2009), opôs à frase, “fora da Igreja não há salvação”, uma outra: “fora do mundo não há salvação”. Para este dominicano, a teologia não podia estar desligada da experiência fundamental da primeira comunidade cristã e da experiência humana, de cada tempo e lugar, sempre numa correlação crítica e recíproca.

No mundo, a sobrevivência – a *salvação* – só é possível através da interdependência e do relacionamento pacífico, harmonioso, com tudo o que nos rodeia, o que implica liberdade e diálogo.

Frei Bento Domingues, O.P., teólogo eminente, homem livre que luta para que a liberdade não seja amordaçada, em todos os sentidos, não se cansa de proclamar que “foi para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gal 5,1). O trabalho teológico exige liberdade e criatividade, para atingir profundidade no caminho do Evangelho, caminho de Esperança, caminho de Salvação. Não tem medo da razão crítica porque sabe que só ela poderá dar entrada no mistério: no mistério que é Deus, no mistério que é o ser humano, no mistério que é o universo. Não há definição ajustada, acabada, no que diz respeito ao mistério. Só entraremos nele,

sem coacção e às apalpadelas. Por isso, “fora da liberdade não há salvação”, nem para a Igreja nem para o mundo – expressão de Frei Bento Domingues.

O horizonte deste teólogo é a arte de viver de Jesus de Nazaré, o Emmanuel, Deus que assumiu a condição humana, habitou entre nós e está connosco até ao fim dos tempos. A bússola que o orienta é a interrogação que Deus nos coloca desde a Criação: “que fizeste do teu irmão, da tua irmã?” (Gen 4, 9).

Os textos reunidos nesta obra são datados (1976-2022), têm um presente, mas lembram o passado e vislumbram o futuro. Normalmente, quem se situa no seu tempo, dialogando com os vários saberes, as várias culturas, as várias religiões, assim como dialogando com o passado, através dos acontecimentos pujantes de vida para todos e dos acontecimentos que impedem e que destroem a vida, ajudam a criar futuro, mas nem sempre são compreendidos. Basta lembrar os grandes profetas do Antigo Testamento.

O título deste livro não podia ser mais adequado. Para Frei Bento Domingues, o seu labor teológico não dispensa o estudo e o diálogo com os vários saberes – antigos e actuais – com as várias culturas, com as várias religiões, com crentes e não crentes, com os vários acontecimentos – positivos ou negativos – do nosso tempo.

Recordo a última frase de uma das suas crónicas do *Público* (23.01.22), própria de um verdadeiro profeta, e que percorre os seus textos: “O apelo ao diálogo parece uma ingenuidade. A verdade é outra: **fora do diálogo não há salvação**” (o negrito é meu).

Neste momento da História, que nos é dado viver – cheio de guerras e de calamidades naturais – não deixem ler *Fora do diálogo não há salvação*. Encontrarão uma voz profética.

Gonçalo Pereira Diniz, **Breve história dos frades da Ordem de São Domingos em Portugal**, UCP, Lisboa 2024, 238 pp.

Fr. Rui Manuel Grácio das Neves

1. Neste livro, o frei Gonçalo Diniz op cumpre uma tarefa importante na história do Dominicanismo neste país: fazer uma síntese abrangente da história da Ordem dos Pregadores em Portugal. Esta síntese integra vários outros trabalhos, mais ou menos gerais, mais ou menos parciais, que já existiam previamente. Mas aqui encontra-se uma síntese simples e bem organizada da presença dos Dominicanos em Portugal (e fora dele, nas suas missões evangelizadoras intercontinentais).

É o que aparece explícito na própria contracapa do livro:

“A presente obra tem por fim apresentar – de forma sistemática, num texto unificado, simples e acessível – a história dos frades pregadores em Portugal, desde as suas origens até hoje. Apresenta-se ainda uma série de apêndices de grande interesse histórico para quem deseje investigar, com eficácia e segurança, este campo da história”.

E acrescenta-se:

“Este livro ocupa-se exclusivamente do ramo dos irmãos pregadores, não se ocupando da história de outros ramos da Ordem Dominicana também presentes em Portugal (monjas, ordem terceira, irmãs de vida ativa)”.

O frei Gonçalo vai incorporando uma bibliografia variada, previamente existente, que nos relata as vicissitudes da Ordem Dominicana em Portugal, desde a sua fundação até os tempos mais modernos, e que mostra o seu trabalho e esforço. O índice do livro, distribuído em várias partes, é: A chegada da Ordem dos Pregadores a Portugal, a Província de Portugal, A Província e a

Inquisição, Personalidades e letrados dominicanos, os Dominicanos nas Missões Ultramarinas, O declínio da Ordem em Portugal, A restauração da Província, assim como uns interessantes apêndices finais (Fundações da Ordem de São Domingos em Portugal, Catálogo dos Santos Portugueses da Ordem Dominicana, lista dos Piores Provinciais de Portugal, Vigários Provinciais de Angola, Episcopologio dominicano português).

Enfim, um bom material, que resume, como dizíamos, sistemática e sinteticamente, a presença dos Dominicanos em Portugal e que preenche uma lacuna unitária ou de conjunto sobre esta questão.

2. Depois desta apresentação geral historiográfica dos Dominicanos em Portugal do frei Gonçalo restar-nos-ia agora começar a fazer diversos trabalhos de campo sobre cada uma destas etapas numa perspectiva mais histórico-interpretativa, onde estudaríamos também o contexto histórico e sociológico, assim como económico e político, onde as diversas atividades de dominicanos e das suas missões tiveram parte. Ou até uma hermenêutica de estudos antropológicos (com perguntas, por exemplo, do estilo: até que ponto a evangelização acrítica contribuiu para a destruição das identidades culturais d@s indígenas e favoreceu a conquista e domínio daqueles povos em modo não libertador?).

Neste sentido, também poderíamos re-equacionar e re-avaliar o trabalho dos nossos irmãos no período da 'expansão ultramarina', à luz de uma visão mais crítica e atual da Missiologia.

3. Nesta óptica mais crítica, estaria hoje mais em dúvida, desde a história contemporânea, sobre a visão geral dos 'Descobrimientos' (para nós...) e das Missões a eles associados, o vê-lo como algo 'glorioso'. Desde as epistemologias do Sul seriam vistos mais como 'invasões', 'roubo de terras', 'exploração do trabalho indígena ou escravagismo', 'racismo', e 'opressão colonial'. A Europa cresceu e fundou um projeto de auto-enriquecimento e de identidade coletiva precisamente a partir das conquistas das terras africanas, asiáticas e americanas, desde os finais do século XV em adiante.

Cabe perguntar-nos se a Igreja em geral (e a Ordem ou Ordens em particular) contribuíram mais para o domínio cultural destes povos que para a sua libertação. Aqui a pergunta seria: que dominicanos, individual ou comunitariamente, contribuíram para uma verdadeira libertação destes povos desde a sua opção evangélica? E não cabe dizer também, como alguns fazem, que isso são questões anacrônicas, que colocamos hoje, porque naquela altura havia também vozes críticas, e até muito críticas, do que já se estava a fazer. Vozes minoritárias, certamente, mas que hoje se fizeram maioritárias.

E a pergunta concreta para os nossos dominicanos portugueses seria: quais deles foram conscientemente críticos da situação e denunciaram profeticamente as diferentes situações de escravagismo, com o fizeram algumas figuras de outras nacionalidades (frei Bartolomé de las Casas e os dominicanos de La Hispaniola, Antonio de Montesinos e Pedro de Córdoba à cabeça) ou até de outras Ordens ou Congregações (o jesuíta Padre Antônio Vieira)?

4. Também fica a impressão nos nossos dominicanos portugueses ao longo da história, do seu 'atrelamento' ou subordinação ao Poder estabelecido, especialmente das Monarquias. Os Reis e a Nobreza aparecem sempre como benfeitores da Ordem e dos seus privilégios (entre parêntese, esta união de interesses entre o Estado e a Igreja ou a Ordem, custará caro posteriormente, no período das revoluções liberais, com um ataque sistemático à posição da Igreja unida ao Estado monárquico, como bem mostra o frei Gonçalo).

Aqui a pergunta seria: que dominicanos estiveram mais unidos de maneira crítica e profética aos setores mais empobrecidos, ainda que isso lhe tenha custado ataques e perseguições por parte dos poderes monárquicos ou conservadores? Ou seja, um Dominicanismo mais libertador e menos conjugado com as Instituições estabelecidas (neste caso, de tipo feudal).

5. Enfim, ficaram estas perguntas críticas por responder, para construir uma História não tanto oficial, mas escrita desde @s de baixo. Se é que há uma resposta positiva a elas ou então haveria

que concluir que nada (ou quase nada) disto foi realmente uma perspetiva no Dominicanismo histórico em Portugal... Gostaria de pensar que realmente houve, sim, outros caminhos alternativos. A pesquisar...

Mas esta primeira etapa, mais historiográfica, está já cumprida, e por isso teremos que agradecer sempre ao frei Gonçalo Diniz por este trabalho e esforço sistemático realizado. Obrigado, frei Gonçalo.

Porque a História continua...



